



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

Diana Leonardo Dias

**JUVENTUDE: APONTAMENTOS SOBRE O CONCEITO NA LITERATURA
CLÁSSICA E CONTEMPORÂNEA**

**Viçosa/MG – Brasil
Junho de 2015**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Diana Leonardo Dias

**JUVENTUDE: APONTAMENTOS SOBRE O CONCEITO NA LITERATURA
CLÁSSICA E CONTEMPORÂNEA**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da
Universidade Federal de Viçosa como parte das exigências para
obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Profa. Dra. Rogéria da Silva Martins (DCS/UFV)

**Viçosa/MG – Brasil
Junho de 2015**

**JUVENTUDE: APONTAMENTOS SOBRE O CONCEITO NA LITERATURA
CLÁSSICA E CONTEMPORÂNEA**

Diana Leonardo Dias

Orientador: Profa. Dra. Rogéria da Silva Martins (DCS/UFV)

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa como parte das exigências para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais.

Aprovado por:


Profa. Dra. Rogéria da Silva Martins (DCS/UFV)


Profa. Dra. Daniela Alves de Alves (DCS/UFV)


Profa. Dra. Sheila Maria Doula (DER/UFV)

Viçosa/MG – Brasil
Junho de 2015.

DEDICATÓRIA

Dedico à minha mãe Solange que é a minha força e o meu guia
e a vovó Iracema, meu eterno anjo da guarda.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é a capacidade de reconhecer o quanto o outro é importante. É reconhecer que em meio a tantas atribuições e limitações alguém, generosamente, nos acolhe de braços abertos. No meu caso, o outro, são outros, vários outros e para não cometer o erro de esquecer alguém – um erro, diga-se de passagem, imperdoável – agradeço imensamente o apoio, o carinho, companheirismo, as críticas, os puxões de orelha e o afeto de todos àqueles que estiveram nessa longa jornada e muito contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional.

Foram seis anos de muita dedicação, muitas realizações e alguns dissabores. Destes, um ano e meio em Diamantina e quatro anos e meio em Viçosa, e enfim, dividida entre o alívio e a saudade, é chegada hora de agradecer.

À Deus e a todas as forças do universo que me permitiram chegar até aqui. A minha maravilhosa mãe pelo apoio incondicional, por inúmeras vezes renunciar seus sonhos para que eu pudesse concretizar os meus, por aguentar o meu mau humor quando tudo ia mal, por segurar a minha mão quando eu me via sozinha, por se desdobrar em mil pra que nunca me faltasse nada, por se alegrar a cada conquista e principalmente, por acreditar e confiar em mim em todos os momentos. Agradeço também ao meu pai por todo o aprendizado proporcionado e o Edir pelo suporte e carinho de sempre.

A vovó Iracema, minha eterna inspiração, agradeço o amor que me sustenta e que tanto me faz falta. Aos meus irmãos, Carla, Adriana e Rogério, por confiarem em minhas escolhas respeitá-las. Cunhado e cunhada, obrigada por serem irmãos também!

Aos meus sobrinhos, (Lara, Mariana, Júlia e Miguel) muito obrigado por me permitirem reviver a infância e a adolescência com tanto amor e magia. As meninas, agradeço pela amizade, respeito e confiança. Ao Miguel, nosso pequeno guerreiro, muito abrigada pela força e coragem que me faz acreditar, todos os dias, no milagre da vida. A tia ama vocês!

À madrinha Aparecida, agradeço pelo cuidado, pelo carinho e principalmente pela presença constante. A Vi, a Graça e a Mãe Maria agradeço pelos cuidados que me dedicaram, sobretudo na infância.

Ao Wallace agradeço pelo apoio nos momentos difíceis, pelo suporte nos momentos de fraqueza e pelas melhores risadas do mundo. Agradeço também a família dele que me

acolheu e acabou se tornando minha família fora de casa, em especial, agradeço as duas avós que, hoje, são minhas também.

Aos meus amigos, agradeço por permanecerem comigo na caminhada. Em especial, agradeço a Kiki e a Elisnara, por me escutarem e me apoiarem a mais de dez anos. A Amábile, a Aline e ao Inacio (amigo-irmão) por me apoiarem a cada decisão, por não me deixarem esmorecer nos momentos difíceis, pelas risadas arrancadas a cada conversa, por serem luz no meu caminho e salve as meninas super poderosas! À Anna agradeço a presença diária no almoço e na bbt, as conversas que me levaram pra frente, pelos conselhos e, sobretudo, pelo cuidado. Ao Diego agradeço por ter sido amigo, irmão, companheiro e agora, meu anjo da guarda. E, ao "povo lá de casa", em especial ao Titi e a Paula, agradeço pela convivência durante esses anos e pela mão amiga nas horas de aperto.

Aos meus professores, agradeço por todo aprendizado e pela trajetória que me ajudaram a construir, em especial agradeço àqueles que foram mais que mestres, foram referências. Entre eles, os professores Jefferson, Fabricio, Daniela Alves, Ottoni, Rogéria, Sheila e Teresa. À Daniela, agradeço ainda pela disponibilidade de participar desta banca.

Rogéria, Sheila e Teresa merecem algumas palavras a mais, mas o que poderia ser dito àquelas que se tornaram o espelho da minha vida acadêmica?

À Rogéria, faltam palavras para expressar tamanha admiração e gratidão. Foi um enorme prazer e um grande aprendizado ser orientada por uma profissional/ intelectual como ela tanto na iniciação científica, quanto neste trabalho, principalmente, porque sua competência se alia a generosidade, paciência, dedicação, sensibilidade e acolhimento. À professora Sheila, sou grata por acolher com tamanha generosidade e disposição no Observatório da Juventude Rural, e me proporcionar uma experiência tão rica (aproveito a oportunidade para agradecer ao grupo do observatório, que me enriqueceu a cada discussão). À professora Teresa minha eterna gratidão pelos momentos em Diamantina e por ter norteado meus primeiros passos na vida acadêmica com tanto carinho.

Sou grata também a todos os funcionários Departamento de Ciências Sociais- DCS- em especial, a Lenice pela gentileza de sempre.

Por fim e fazendo alusão a Gilberto Gil, agradeço a Diamantina que me deu régua e a Viçosa que me deu compasso.

A todos vocês, devo bem mais do que posso escrever.

Grata aos povos do Vale, grata a Zona da Mata!

*"Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério
o jovem no Brasil nunca é levado a sério..."*

Charlie Brown Jr

Sumário

Conteúdo

Ficha catalográfica	9
Lista de siglas	10
1. Introdução.....	11
2. Aspectos metodológicos.....	15
3. Discussão da abordagem clássica	21
3.1 A Juventude no pensamento de Mannheim e Bourdieu	21
3.2 O pensamento Social Brasileiro: Forecchi e Ianni	26
4. Discussão da abordagem contemporânea.....	30
4.1 A juventude na análise contemporânea.....	30
4.2 Apontamentos sobre a ausência do conceito.....	33
4.3 Apontamentos sobre o conceito nos trabalhos da SBS.....	34
4.4 A categoria aludida, na construção de um ator social, nas políticas públicas.....	39
4.5 O espaço da juventude rural.....	42
5. Sintetizando o conceito juventude	44
5.1 Qual/ quais juventude(s)?	48
6. Considerações finais	51
7. Referências	55

Ficha catalográfica

Lista de Siglas

SBS – Sociedade Brasileira de Sociologia

CBS – Congresso Brasileiro de Sociologia

OMS – Organização Mundial de Saúde

CNJ – Conselho Nacional de Juventude

SNJ – Secretária Nacional de Juventude

GT – Grupo de trabalho

ONU – Organização das Nações Unidas

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

1. Introdução

Essa monografia tem como temática geral, a discussão do conceito de juventude, no âmbito da sociologia da juventude. O intento é promover um estudo da arte do conceito, estabelecendo uma reflexão entre a abordagem clássica e contemporânea, de modo a compreender como a aplicação do conceito se ajusta à realidade contemporânea.

Estudar juventude já se revela uma disposição consideravelmente espinhosa, a literatura não encontra consenso nas atribuições conceituais que se aplicam tal categoria. Segundo Murilho (2013) ela é uma faixa etária? Um período de vida ou uma condição social? Juventude então é uma categoria uniforme, que se estende a toda uma população engendrada dentro de uma determinada faixa etária? Aduz então, a uma composição estereotipada num dado período da vida? Ou ainda, seria uma composição social regulada por um complexo de experiências próprias e específicas a um determinado grupo social? Se no passado, a literatura clássica tinha dificuldade de aglutinar todas essas composições para universalizar a categoria; num tempo onde os comportamentos e as composições sociais eram mais restritas, ou seja, não tão diversos... Pensar a contemporaneidade, nesse caldeirão de composições distintas, seja em termos culturais, sociais e econômicos parece oportuno para repensar a categoria juventude.

A intenção do trabalho é refletir sobre os estudos de juventude no Brasil, observar nos estudos de juventude como o conceito é aplicado e dessa forma, relativizado, reapropriado na disposição interpretativa contemporânea. Historicamente, o conceito vem se ajustando a uma série de modificações, fruto da própria dinâmica interna desse grupo social.

Os estudos sobre juventude se iniciam ainda no século XX na década de 1920, com a abordagem defendida na Escola de Chicago. O foco de análise se orientava em atos desviantes aludidos a jovens nos centros urbanos na época. Não por acaso, parte da sociologia da juventude busca uma explicação com base na investigação do desvio, ou seja, de uma sociologia do desvio. A ênfase da análise se coloca na condição do jovem enquanto um problema social. Como revela Peralva (1997): "*jovem* é aquilo ou aquele que se integra mal, que resiste à ação socializadora, que se desvia em relação a certo padrão normativo" (PERALVA, 1997, pág. 18). Contudo, nesse contexto a sociologia da juventude não estava estabelecida como campo analítico.

Ainda nos anos 20, a teoria fenomenológica, que foi a fonte inspiradora para estudos geracionais, propicia o surgimento do conceito de gerações, a partir da análise do convívio específico e os vínculos existentes entre indivíduos pertencentes a uma mesma conexão geracional. Nesse contexto é que se estabelece o campo analítico da sociologia da juventude. Destacam-se autores como Spranger (1924) e Mannheim (1928). Particularmente, Mannheim, com a obra - *O problema sociológico das gerações*- representa um marco nos estudos de juventude. Mais adiante, Tavares (2012) revela como as abordagens de ordem estrutural funcionalista discutem a emergência da adolescência nas sociedades urbanas ocidentais, nessa vertente, destaca-se Parsons (1962).

A década de 1960 e o aumento considerável da população estudantil em todo o mundo ampliam o campo de análise dos estudos sociológicos sobre a juventude, ainda sob a égide de um grupo concreto, caracterizado pelos estudantes¹. A partir dessas condições históricas, amplia-se a valorização da categoria juventude, tornando-a uma fase de vida extremamente valorizada, cultuada, em detrimento do desvelo e desprezo que jovens assumiam na sociedade. As características negativas (intempestivo, apaixonado, desmedido, excessivo) são redimensionadas e a "revolução juvenil" promoveu uma inversão, transformando a juventude num valor social e cultural (MURILHO, 2013). Já na década de 1980, outro marco se estabelece nas noções de juventude e Bourdieu (1983) insere uma perspectiva de classes às discussões.

Diferentes autores (Spranger, Bourdieu, Passeron) trataram essa questão, contudo, na sociologia da juventude, pelo conteúdo mais recorrente, Mannheim e Bourdieu têm destaque. Para este trabalho, o foco apresentado como abordagem clássica recai sobre as teorias explicitadas por Mannheim (1982) e Bourdieu (1983) cujas obras assinalam e orientam o dualismo freqüente nas análises sobre juventude. Mannheim (1982) em sua análise sobre as gerações considera a juventude como uma fase da vida que apesar de amparada a um ritmo biológico de desenvolvimento humano não pode ser explicado por ele. O autor sinaliza que para compreender o fenômeno das gerações é preciso, sobretudo, compreender as inter-relações de uma unidade de geração. Bourdieu (1983) reforça que é preciso considerar a diversidade de contextos, espaços e tempos históricos. De outro lado, Bourdieu (1983) concebe, também, que o corte de idades é arbitrário, contudo o autor dirige sua análise para

¹ Na França, com a eclosão do movimento libertário estudantil conhecido por Maio de 1968 e as manifestações revolucionárias e de contestação do regime ditatorial no Brasil, representados em sua maioria por estudantes universitários.

uma discussão de classes. Sintetizando, nas análises de Bourdieu (op. cit), universos sociais distintos em razão de suas condições de classes não cabem dentro do mesmo conceito.

Seguindo as orientações dessa literatura clássica, o debate da sociologia da juventude no Brasil ganha novos interlocutores, sobretudo, no palco do pensamento social brasileiro. Incorporado ao pensamento clássico, Marialice Foracchi, no rastro da inspiração manheiminiana, é chamada à discussão para representar o clássico do pensamento social brasileiro nas obras *A Juventude na Sociedade Moderna* (1972) e *O Estudante na Sociedade Brasileira* (1965). A autora se tornou referência nos estudos de juventude no Brasil, uma vez que a mesma se debruça sobre a temática de forma representativa, quando assume a categoria analítica- o estudante. A autora aduz a uma primeira versão analítica da sociologia da juventude no Brasil. Para o clássico nos estudos de juventude no Brasil a autora vai focar seus estudos de juventude a partir do comportamento e da cultura política desse grupo social, levando em consideração dentre outras questões, o conceito de geração, a transição para a vida adulta, estudos sobre o estudante enquanto categoria social, bem como o significado do movimento estudantil no mundo contemporâneo.

A obra de 1972, na qual, a autora, que segue a linha geracional das análises de Mannheim, busca uma interpretação mais estrutural no livro "*A juventude na sociedade moderna*" (1972) Marialice Foracchi vai enfatizar como os elementos característicos da sociedade moderna – como, por exemplo: a concentração urbana, a especialização, o avanço tecnológico, os modernos meios de comunicação de massa e o destaque dado à ciência e aos meios materiais – se associam aos movimentos de contestação, principalmente o movimento estudantil.

Foracchi (1972) trabalha com o conceito de geração e a transmissão de um legado cultural que é passado a cada geração por uma anterior. As noções de crise e o conflito também são resultado de um processo geracional assim com a polissemia da noção de juventude.

Ainda na década de 1960, Octavio Ianni em sua obra *Industrialização e desenvolvimento social no Brasil*, de 1962, alude ao jovem radical. Nesse sentido, o pensamento social brasileiro reage frente a uma reflexão do jovem na sociedade capitalista. O autor vai tentar explicar como se desenvolve essa consciência social que transforma o jovem em político ativo, uma vez que o autor relaciona o "advento político da juventude" à história do modo de produção capitalista (SILVA, s/d).

Avançando na discussão, já no fim da década de 1990, início dos anos 2000, no Brasil já não se fala mais em juventude, mas em juventudes. A noção de polissemia do conceito, já está amplamente difundida e autores como Castro (2008), Abramo (1997), Dayrell (2007); Peralva (1997), Sposito (2010) e Novaes (2005) passam a defender a construção de um ator social, a visibilidade política dos jovens, a introdução dos jovens rurais nas agendas de discussão, as culturas juvenis, entre outros aspectos. Sem, no entanto, deixar de lado questões clássicas como desigualdade social, participação política formal, conflito, gerações, entre outros.

Frente a esse percurso, é importante dizer que o conceito de juventude é um conceito amplo e que abarca inúmeras representações e contextos. Desse modo, discuti-lo não é tarefa fácil, sobretudo devido à investidura analítica no campo das ciências sociais.

Nesse sentido, objetivo dessa monografia é primeiro apresentar duas obras, de dois autores clássicos na sociologia da juventude, bem como os autores contemporâneos mais citados nos trabalhos das SBS nos anos de 2011 e 2015 e revelar o assento de suas concepções teóricas, bem como suas discussões a respeito dos conceitos que acompanham o universo da categoria juventude. Em seguida, buscar nas fontes teóricas contemporâneas, suas influências da literatura clássica e ou investigar as novas concepções contemporâneas dessa categoria. Onde elas se ajustam ou se disassociam. A busca nesse empreendimento investigativo vai defender um trabalho de revisão da literatura. A importância desse trabalho está no mapeamento do conceito de juventude, enquanto uma categoria sociológica polissêmica, e por esta razão, pode apontar o caminho que as discussões têm seguido a partir do inventário conceitual. Também busca apontar suas potencialidades e fragilidades a fim de contribuir para a reflexão teórica dos estudos de juventude.

Para finalizar esta introdução, ressalto que a motivação para o desenvolvimento desse trabalho é resultado de uma trajetória acadêmica marcada pelos estudos de juventude que se iniciaram no ano de 2012 com as atividades do PIBID – Programa de Iniciação a Docência, onde foi estabelecido um primeiro contato com esse universo etário. Durante os dois anos de vínculo nesse programa surgiu o desejo de estudar o tema. O contato com universos juvenis tão distantes, mas homogêneos dentro de um padrão de disciplinamento e conduta da instituição escolar me despertava interesse. Por este motivo, procurei compreender melhor esse universo e em 2014, ao fim do PIBID, um novo projeto se iniciava, *A justiça da Juventude: estudo da sentencing na sociobiografia de magistrados da Zona da Mata Mineira*, este ainda em andamento revelam meu esforço em compreender com uma

explicação sociológica esse grupo social. Nesse mesmo ano, comecei, informalmente, a fazer parte de um grupo de estudos voltado à juventude rural, que foi de extrema importância para a compreensão de que este seria o tema a seguir. Ao longo desses três anos de “estudos juvenis”, o tema desta monografia surgiu muito naturalmente, assentado, também em um desejo pessoal de aprofundar nas discussões e compreender a lacuna existente entre o paradoxo do jovem enquanto um problema social e a esperança de “um futuro melhor”.

2. Aspectos metodológicos

Ao tomar os objetivos propostos como norteadores para a investigação conceitual, o primeiro esforço se deu no sentido de compreender que este trabalho não se propõe a uma discussão que esgote o conceito de juventude. Apesar de entendermos a relevância desse caminho, o tempo de trabalho necessário para discutir mais autores, tanto clássicos quanto contemporâneos, faz parte de uma rotina quase que inviável. A construção rotineira de novos trabalhos limita a capacidade de qualquer pesquisador esgotar sua capacidade de conclusão sobre o tema. Nesse sentido, o trabalho buscou realizar um estudo da arte do conceito de juventude, a partir de uma pesquisa qualitativa, de caráter documental revisando sistematicamente a bibliografia de um determinado espaço de discussão de trabalhos científicos no Brasil. Nesse sentido o trabalho busca sintetizar a discussão polissêmica da categoria juventude e dessa forma contribuir para sua reflexão.

O espaço de discussão escolhido foi a Sociedade Brasileira de Sociologia - SBS, que reúne trabalhos, bienalmente, em seus congressos, de todo o Brasil, de cunho sociológico. Dessa forma, é possível inventariar o que vem sendo discutido pela sociologia da juventude, por diferentes pesquisadores brasileiros, uma vez que o Grupo de Trabalho desse tema tem espaço nesse fórum de discussão acadêmica.

A pesquisa buscou levantar no âmbito do GT de sociologia da juventude da SBS², todos os trabalhos que discutiam de forma explícita ou implícita o conceito de juventude. Esse trabalho só foi possível porque a SBS, enquanto um fórum de discussão da produção

² Apesar de compreender a ênfase nos trabalhos empíricos, inclusive devido ao tempo de apresentação dos mesmos na SBS, bem como a existência de outros espaços acadêmicos que contemplem discussões sobre juventude, o GT de Sociologia da juventude (da SBS) foi escolhido como universo de investigação devido à investidora sociológica das discussões. Desse modo, vale enfatizar que para um trabalho de discussão conceitual, mais aprofundado, o ideal seria fazer um Estudo da Arte em teses e dissertações acadêmicas. No entanto, seria inviável, por se tratar de uma monografia, uma investigação desse porte tendo em vista que tempo necessário mostrou-se limitado em função de outras atividades acadêmicas.

científica sociológica, no Brasil, dispõe no espaço virtual da internet, com as pesquisas apresentadas em seus grupos de trabalhos. O inventário de trabalhos analisados percorreu os anos de 2011 e 2013. Esses dois anos foram escolhidos por serem os mais atuais e contemporâneos. Ainda que os anos anteriores estejam disponíveis para acesso e pesquisa. Nesse trabalho de monografia se optou pela investigação de apenas os dois últimos anos, porque o universo de trabalhos em cada ano é consideravelmente volumoso e o tempo de uma monografia é sempre limitado para uma investigação desse porte. Visto que tal prazo precisaria combinar as demandas de tempo com um trabalho de iniciação científica e uma disciplina acadêmica obrigatória. A escolha seguinte foi, então, apresentar a utilização (ou não) dos conceitos e propor uma breve discussão.

Feitas essas escolhas dos períodos estudados, o segundo momento dessa monografia foi identificar nos trabalhos do Grupo de Trabalho da sociologia da juventude desses dois anos – 2011 e 2013, quais trabalhos utilizavam a discussão conceitual da categoria, quais os autores mais citados e quais as concepções a respeito da juventude. Esses foram os critérios básicos na seleção dos trabalhos.

Para melhor evidenciar o universo quantitativo encontrado nesse GT, seguem as tabelas:

SBS – GT SOCIOLOGIA DA JUVENTUDE	OCORRÊNCIA DO EVENTO	N. DE TRABALHOS	DISPONÍVEIS
2011	Sim	12	12
2012	Não	0	
2013	Sim	60	36
2014	Não	0	
2015	Sim – a acontecer	0	
Total		72 trabalhos	48 trabalhos
Total de universo válido para análise	48 trabalhos		
Total de universo de trabalhos que se encaixavam nos critérios previamente definidos para a metodologia do trabalho	25		

2011	Autores citados	Teorias ou Abordagens	Local
1	Não discute	Violência	SP
2	Novaes (2008), Pais (1990)	Violência	CE
3	Não discute	Violência	RS
4	Não discute	Projetos de vida/ Gênero	PE
5	Não discute		Campinas/ SP
6	Grosso (2000), Pais (1990, 2003), Sposito (2003), Abramo (2005), Novaes e Vannuchi (2004)	Juventude/ Ruralidade	PE
7	Não discute		RS
8	Sposito e Carrano (2003; 2005)	Juventude/ Uma comparação entre Brasil e Venezuela	SP
9	Corrochano (2008), Dayrell (2003)	Trabalho	MG
10	Não discute		
11	Dayrell (2003), Garcia (2002)	Trabalho	MG
12	Não discute		

2013	Autores citados	Teorias ou Abordagens	Local
1	Reguillo (2003), Castro (2002), Novaes e Vital (2005)	Reconhecimento e redistribuição	RS
2	Bourdieu (1978), Sposito e Carrano (2003)	Construção da identidade, estilo de vida, trabalho e políticas públicas	PE
3	Foucault (), Sposito e Carrano (2003)	Governamentalidade, políticas públicas	BA
4	Bourdieu (1983), Silva (2006), Pais (2003)	Juventude/ Problema Social	PA
5	Não utiliza	Antropologia das emoções, gênero, família	
6	Não discute		
7	Não disponível		

8	Peralva (2007), Sposito e Corrochano (2005)	Políticas públicas	BA
9	Não utiliza	Não aborda	
10	Não disponível		
11	Não utiliza	Gênero	
12	Bourdieu (1989), Bango (2003), Castro (2010; 2005, 2008)	Reprodução social, Juventude Rural	RJ
13	Não utiliza	Desigualdade social/pobreza	
14	Pais (1990; 2003), Paiva (2012)	Trabalho/ Projetos de vida	MG
15	Dayrell (2007, 2011)	Educação	MG
16	Bourdieu (2000; 1996)	Socialização, trabalho, projetos profissionais de jovens rurais	RJ
17	Não utiliza	Trabalho	
18	Giddens (1989), Weishemer (2009), Castro (2009;2005), Wanderley (2009, 2006), Paulo (2010)	Juventude rural	PE
19	Carrano (2000), Pais (2000)	Trabalho	CE
20	Não disponível		
21	Pais (1993), Feixa (1999)	Educação, representações sociais	MG
22	Guimarães e Grispan (2008), Ribeiro, Lanes e Carrano (2006), Derriba e Castro (2008), Pais (1993), Novaes e Vital (2005), Novaes (1998), Carneiro e Castro (2007), Carneiro(2005)	Sucessão/Rural	RJ
23	Mannheim (1982), Bourdieu (1998)	Representações sociais/ sistemas simbólicos, agricultura familiar	BA
24	Pochmann (2004), Abramo (2008), Abramovay (2002), Dayrell (2003), Levi e Shimit (1996), Rodrigues (2009), Abdala (2005), Sposito (2008)	Juventude, educação e trabalho	MG
25	Abramo (2005), Freitas (2005), Feixa e Lecadi (2010), Peres (2008)	Estado da arte Juventude	AL
26	Não faz discussão		
27	Não faz discussão		
28	Sposito (2000), Garbim (2003)	Não faz discussão	CE

29	Não utiliza	Análise do discurso	
30	Não disponível		
31	Não faz discussão		
32	Não disponível		
33	Não faz discussão	Primavera árabe	RJ
34	Trassi (2006), Rolin (2006), Cassab (2001), Novaes (2006)	Vulnerabilidade social	AL
35	Não disponível		
36	Pais (2003), Abramo (1997), Singer (2006), Mannheim (1982)	Participação política	GO
37	Feixa (1998), Peralva (1997), Reguillo (2000), Valenzuela (1997)	Representações sociais/ sistemas simbólicos	PR
38	Não disponível		
39	Não disponível		
40	Não disponível		
41	Bulcholtz (2002)	Reconhecimento étnico/ tradição	RN
42	Não discute		
43	Pais (2003), Abramo (1997), Singer (2006), Mannheim (1982)	Identificação juvenil	SE
44	Abramo (1997), Bourdieu (1983), Carrano (2000)	Religião	RJ
45	Não disponível		
46	Não discute		
47	Não disponível		
48	Não disponível		

É importante expor que no ano de 2011 apenas 12 trabalhos foram encontrados na página oficial do Congresso Brasileiro de Sociologia. Já no ano de 2013 as apresentações foram divididas em 5 sessões³, cada uma com 12 apresentações. Contudo apesar da 5ª sessão aparecer disponível no site do congresso, até a data de conclusão desta monografia, os

³ Cada GT nesse Congresso dispõe de um número de trabalhos aprovados pelo Comitê Científico. Esse número é dividido entre os dias do congresso para garantir as discussões e debates de todos os participantes. Nesse sentido, cada GT pode ter um determinado número de sessão.

últimos 12 trabalhos não estavam disponíveis na página. Deste total, 12 outros trabalhos também não estavam disponíveis entre as outras 4 sessões. Tivemos então 48 trabalhos para análise, enquadrados em duas categorias: àqueles que se utilizaram das discussões conceituais sobre juventude e os que não fizeram uso dessa discussão; discorriam sobre temáticas diferenciadas sobre juventude. Como, por exemplo, os trabalhos de Neto (2013), Souza e Santos (2013), Dias (2011), Linhares (2013), Romera e Reis (2011), entre outros. Assim, 25 trabalhos se encontram na primeira classificação e 23 na segunda.

A seleção dos trabalhos passou então pelo filtro dos anos estudados; dos trabalhos que discutiam a questão conceitual sobre juventude. Após esta etapa, foram levantados os autores contemporâneos⁴ que estão sendo explorados na discussão conceitual nesses trabalhos. Desse modo, a escolha destes autores para compor o referencial bibliográfico se deu por estarem entre os mais citados entre os textos da SBS. O próximo passo foi à leitura atenciosa dos trabalhos a fim de compreender o uso conceitual de cada autor. A proposta buscou fazer um levantamento dos autores mais citados, como mostrado na tabela acima e, depois analisar as interpretações e proposições que esses autores fazem sobre a juventude.

Feito esse processo, concluiu-se que a abordagem que se adequou aos rumos da análise foi qualitativa. Ela, segundo Neves (1996) abrange um conjunto de técnicas interpretativas que tem em vista descrever e decodificar os elementos que compõe um complexo sistema de significados. E no campo das ciências sociais, se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, isto é, trabalha com o universo de significados das ações e relações humanas, motivos, aspirações, crenças, valores e atitude (MINAYO, 2003 *apud* MIRANDA, LORETO, PICOLOTTO, 2012). Outro fator fundamental para que a abordagem qualitativa fosse designada foi a impossibilidade de produzir uma pesquisa quantitativa, uma vez que a investidura em revisão bibliográfica não abarca técnicas quantitativas de análise.

Enfim, é preciso dizer que a escolha de trabalhar apenas com revisão bibliográfica, também apresenta suas dificuldades e desafios. O tema é complexo e o conceito de juventude além da amplitude e complexidade, precisa ser entendido de acordo com os mais variados contextos, sociedades e tempos históricos. Sendo assim, por inúmeras vezes sugeriram dificuldades de compreensão.

⁴ É importante ressaltar que Pais e Bourdieu também se encontravam entre os autores mais citados nos trabalhos da SBS, no entanto, eles não foram incluídos na análise contemporânea por contemplarem outras etapas do trabalho.

No tocante às análises do trabalho, duas categorias foram defendidas: a abordagem clássica e a abordagem contemporânea. A escolha das obras clássicas de Mannheim e Bourdieu, “*O problema sociológico das gerações*” e a “*Juventude é apenas uma palavra*”, respectivamente se sustentam por representarem marcos na sociologia da juventude. Sendo percussoras das duas correntes que hoje definem as teorias juvenis: a corrente classista e a corrente geracional. No que tange ao pensamento social brasileiro, a escolha de trabalhar com Marialice Foracchi e Otávio Ianni surgiu tanto pelo pioneirismo dos autores, quanto pela relevância atual de suas principais obras. A abordagem contemporânea reuniu, então os autores e suas reflexões expressos nesses trabalhos do GT da sociologia da juventude, da SBS, nos anos de 2011 e 2013.

3. Discussão da abordagem clássica

3.1 A Juventude no pensamento de Mannheim e Bourdieu

No tocante à emergência de um campo de conhecimento que vai discutir sobre a sociologia da juventude, Mannheim em 1928, “*Com o problema das gerações*” alude a uma preocupação pertinente dentro de um processo de mudança social. O autor inaugura uma preocupação com mudanças geracionais; transmissão dos bens culturais para gerações futuras e a necessidade de novos portadores de uma cultura para a revitalização da dinâmica social. Esse é o foco do debate trazido pela abordagem clássica. Pais (1990) em *A construção Sociológica da Juventude* realizou um trabalho de sistematização da categoria juventude. O autor expressa que a sociologia da juventude oscila entre duas tendências: a corrente geracional e a corrente classista. Na tentativa de compreender como ambas correntes abordam a juventude e quais suas contribuições e limites para a abordagem contemporânea, Mannheim (op. cit.) e Bourdieu (1983) serão discutidos e analisados.

Mannheim (1982) aborda a juventude pelo viés das gerações e através delas procura compreender o ritmo acelerado das mudanças sociais. Para tanto, sinaliza a juventude como um grupo concreto no qual indica que para maior compreensão do fenômeno das gerações é necessário compreender as inter-relações que compõem uma unidade de geração. No entanto, a unidade de geração não consiste, especificamente, na construção de vínculos sociais que levam a formação de um grupo concreto. Embora, em alguns casos o sentimento pela unidade possa ocorrer de maneira consciente e ser desenvolvido como base para a formação de grupos concretos.

O autor segue dizendo que as gerações não são um grupo concreto com objetivos específicos como a família ou uma tribo e de modo algum é comparável às associações que possuem objetivos em comuns, ou seja, a geração não é um grupo concreto no sentido de uma comunidade ou de um grupo institucionalizado, um grupo que não pode existir sem os seus membros terem um conhecimento concreto uns dos outros. No limite, isso significa que as gerações não deixam de existir por membros não terem conhecimentos concretos uns dos outros, por não terem objetivos comuns delineados ou por não estarem fisicamente próximos, desse modo, a geração é um grupo concreto enquanto situação social, enquanto situação comum de vários indivíduos em uma estrutura social (MANNHEIM, 1982).

Relacionado à geração enquanto grupo concreto aparece a noção de fase da vida em que o autor considera que “a situação da geração está baseada na existência de um ritmo biológico na vida humana” (MANNHEIM, 1982, pág. 71). Tendo por base essa assertiva, Mannheim (op. cit.) afirma que poderíamos supor que os indivíduos pertencentes à mesma geração são inseridos em uma mesma faixa etária e compartilham de uma mesma situação na dimensão histórica do processo social, partindo da hipótese que o fenômeno sociológico possa ser explicado pelos fatores biológicos mais básicos. Contudo, o autor alerta que isso consiste em cometer o mesmo erro das teorias naturalistas.

A antropologia e a biologia apenas nos ajudam a explicar os fenômenos da vida e da morte, período limitado de vida, as mudanças mentais espirituais e físicas acompanham o envelhecimento enquanto tal, elas não oferecem qualquer explicação para a relevância assumida por estes fatores primários na modelagem dos inter-relacionamentos sociais em seus fluxos históricos (MANNHEIM, 1972, pág. 71/72).

Nesse sentido, o fenômeno das gerações está baseado em um recorte biológico, mas isso não significa que possa ser explicado por ele, como afirma Mannheim (1982), ser deduzível não equivale a estar implicado nele. O ritmo biológico, por si só, não compreende a dimensão da interação. E se não fosse pelos contextos históricos e pela interação social em uma determinada estrutura social, a geração não poderia existir enquanto fenômeno de localização social (MANNHEIM, 1982).

Na outra vertente está Bourdieu (1983), pioneiro da corrente classista, que em consonância com Mannheim (1982) a respeito da definição da juventude pautada por uma idade biológica, afirma que: “*O reflexo profissional do sociólogo é lembrar que as divisões de idade são arbitrarias*” (BOURDIEU, 1983, pág. 112). Nessa perspectiva o autor lembra que tanto a juventude como a velhice são construídas socialmente e que variam conforme o contexto histórico-social, de tal modo que as relações entre idade biológica e idade social são

muito complexas e por isso, os corte de idade, classe, ou gerações variam inteiramente e são alvos de manipulação.

Recorrendo à teoria do *habitus*, Bourdieu (op. cit.) sugere que cada campo possui suas leis específicas e para saber como acontece o corte de gerações é preciso conhecer as leis específicas de funcionamento de cada campo e quais são seus objetos de disputa. Mostrando assim que o estabelecimento de faixas de idade pautado em um ritmo biológico é um dado socialmente manipulável e que o fato de tomar os jovens como um grupo coeso dotado de interesses comuns e relacioná-los a idades biologicamente definidas já se constitui, claramente, como uma manipulação (BOURDIEU, 1983).

Dito isto, Bourdieu (1983) adentra a perspectiva de classes e fazendo referência à juventude burguesa de um lado e à juventude operária de outro, o autor considera um terrível abuso de linguagem colocar em um mesmo conceito universos sociais que não possuem praticamente nada em comum. Essas duas juventudes representariam assim dois extremos de um espaço de possibilidades.

Seguindo na discussão de classes, Bourdieu (1983) considera que um dos motivos para as confusões entre as juventudes foi o fato de diferentes classes sociais terem tido acesso ao ensino secundário. O resultado desse processo foi a descoberta da juventude por parte dos jovens (em idade biológica) das classes mais baixas. E com isso, a produção de aspirações incompatíveis com suas chances reais.

Com base no supracitado, nota-se que ao se concentrar nas classes sociais Bourdieu (op. cit.) as sobrepõe os processos históricos e culturais que aproximam ou afastam os grupos juvenis. O foco do autor em pólos extremos como é o caso da juventude burguesa e operária não contempla as trocas e experiências proporcionadas por um contexto em comum e nesse sentido, se afasta da análise mannheniana a qual concebe as gerações enquanto grupos etários inseridos no mesmo processo histórico-social.

Assim, enquanto a situação de classe pode ser elucidada em termos de condições econômicas e sociais, a situação etária é determinada pelo modo como certos padrões de experiência e de pensamento tendem a ser trazidos à existência pelos dados naturais da transição de uma para outra geração. (MANNHEIM, 1972, pág. 73).

Numa lógica contrária, Bourdieu (1983) compreende que, para que experienciem situações comuns, os jovens precisam compartilhar as mesmas posições na escala social, caso contrário, as aspirações produzidas pelo sistema serão, automaticamente, frustradas.

Outro aspecto relevante a ser mencionado, diz respeito ao conflito que envolve as gerações. Enquanto para Bourdieu (1983) as aspirações das sucessivas gerações são

arquitetadas em relação a estados disparees da estrutura da distribuição de bens e de oportunidades de acesso a diferentes bens, para Mannheim (1982) conflito de gerações está, diretamente, ligado a processos histórico-culturais.

Nesse sentido, a fim de explicar o conflito geracional, Bourdieu (op. cit.) ressalta que

Uma coisa muito simples e na qual não se pensa, é que as aspirações das sucessivas gerações, de pais e filhos, são constituídas em relação a estados diferentes da estrutura da distribuição de bens e de oportunidades de acesso aos diferentes bens: aquilo que para os pais era um privilégio extraordinário (na época em que eles tinham vinte anos, por exemplo, havia uma pessoa entre mil de sua idade e de seu meio que possuía um automóvel) se tornou banal, estatisticamente. E muitos conflitos de gerações são conflitos entre sistemas de aspirações constituídos em épocas diferentes. Aquilo que para a geração 1 foi uma conquista de toda uma vida, é dado imediatamente, desde o nascimento, à geração 2. A defasagem é particularmente forte no caso das classes em declínio que não têm mais nem mesmo aquilo que tinham há vinte anos, e isto numa época em que todos os privilégios de seus vinte anos... Evidentemente nem todos os velhos são anti-jovens, mas a velhice também é um declínio social, uma perda de poder social e através deste viés, os velhos têm, no que se refere aos jovens, uma relação que também é característica das classes em declínio (BOURDIEU, 1983, pág. 118/119).

Portanto, os conflitos serão realizados entre pessoas ou de grupos etários formados a partir de diferentes relações com o sistema escolar. O que, no limite, é um conflito de classes.

Já para Mannheim (1982) os dados psíquicos e culturais existem realmente na medida em que são produzidos e reproduzidos no presente. Só assim a herança cultural pode ser acumulada na realidade. Desse modo, novos participantes do processo cultural estão surgindo enquanto antigos participantes do processo estão continuamente desaparecendo, nesse sentido, sempre haverá conflito uma vez que, o aparecimento de novos participantes resulta em alguma perda de possessões culturais acumuladas. Só assim é possível esquecer aquilo que não se faz mais útil e aspirar ao que ainda precisa ser conquistado. Ou seja, "*o material tradicional é transformado para adequar-se à nova situação prevalecente, ou então potencialidades anteriormente despercebidas ou negligenciadas naquele material são descobertas durante o desenvolvimento de novos padrões de ação*" (MANNHEIM, 1982, pág. 77).

Logo, Mannheim (1982) destaca que quaisquer duas gerações subsequentes sempre lutam com inimigos, tanto internos como externos, diferentes diante disso, como já dito, o conflito sempre se fará presente. Uma vez que as gerações estão em constante interação e a cultura acumulada – muitas vezes cristalizada em tradições - sofre a cada nova geração, adaptações. Dessa forma, "*A modernidade da juventude, portanto, consiste em estar mais próxima dos problemas atuais*" (MANNHEIM, 1982, pág. 83).

Outro contraponto é que enquanto Bourdieu (op. cit.) enxerga um choque no qual os “recém chegados” empurram os “já chegados” para o passado, Mannheim (op. cit.) concebe a ideia de transição.

Nessa direção, Bourdieu (1983) entende que o início do conflito acontece quando o “novo” condena o “velho” à morte social. Segundo ele, esses conflitos são evitados durante o tempo em que os velhos conseguem controlar o tempo de promoção dos mais novos, regular as carreiras e os cursos, controlar a rapidez da ascensão nas carreiras e conter aqueles que não sabem se frear. Isto é, o conflito é evitado enquanto os mais velhos conseguem conter a ascensão dos mais novos a postos privilegiados no sistema de classes. “Quando o “sentido dos limites” se perde, vê-se aparecer os conflitos a respeito dos limites de idade, dos limites entre as idades, que têm como objeto de disputa a transmissão do poder e dos privilégios entre as gerações.” (BOURDIEU, 1983, pág.120/121).

Com outra perspectiva, Mannheim (1982) observa que:

O fato da transição entre as gerações ocorrer de forma contínua, torna mais suave a interação. A medida pela qual os problemas da geração mais jovens vão afetando as mais velhas se tornam maior proporcionalmente ao aumento do dinamismo social. Entretanto, com o fortalecimento da dinâmica social faz com que a geração mais velha se torne mais receptiva a influencia da geração mais nova (MANNHEIM, 1982, pág. 85).

Com isso, é possível notar que nas análises de Mannheim (op. cit.), os problemas sociais cujo autor enunciou a proximidade da juventude atingem a sociedade como um todo e nesse contexto, o conflito não segrega, ele elabora a diferença. Assim é como se as gerações anteriores, através da transmissão cultural nortearassem os passos das gerações mais novas, tornando-se então mais tolerantes às influências que, como consequência, recebe dela. Por outro ponto de vista, Bourdieu (op. cit.) entende o conflito como um divisor entre as gerações, isto é, para que uma geração possa ascender e atingir determinados postos na estrutura de classes a outra está fadada ao declínio e ao desaparecimento. Por isso a necessidade de controle das gerações mais antigas.

Enfim é unânime a concepção de que a juventude não é uma categoria homogênea e, por isso mesmo, deve ser considerada em seus diferentes contextos, sejam eles histórico-culturais ou classistas, portanto, não se trata de uma juventude, mas de sua pluralidade. Contudo, contrapondo-se à riqueza de detalhes da teoria de Mannheim (1982) que considera fundamental os processos históricos e sociais que permeiam a juventude e as distinguem, Bourdieu (1983) apresenta uma perspectiva mais genérica cujas análises são, basicamente, as noções de classes.

3.2 O pensamento Social Brasileiro: Foracchi e Ianni

Esse tópico procura compreender como os estudos de juventude permearam o pensamento social brasileiro, para isso Marialice Foracchi (1972) e Ianni (1962), pioneiros da sociologia da juventude no Brasil, aparecem no debate a fim de possibilitar a compreensão de como a abordagem da juventude como categoria social começa a ser discutida.

A obra de Foracchi é clássica na medida em que permanece relevante para as discussões atuais. Sua obra permanece viva e traz contribuições fundamentais para estudo, mesmo tendo passado cinquenta anos da publicação que a tornou conhecida (AUGUSTO, 2005).

Foracchi ganha notoriedade com a obra *O estudante e a transformação da sociedade brasileira* de 1965, apresentada originalmente como tese de doutoramento a Universidade de São Paulo, que procura determinar o significado da ação do estudante na transformação da sociedade (FORACCHI, 1965). A fim de entender o estudante como categoria social e agente de transformação, a autora procura estabelecer os critérios que o compõe enquanto tal. Nesse particular, o estudante é visto como agente social da transitoriedade das camadas - médias - e porta-voz de sua ideologia de ascensão (FORACCHI, 1965, p. 119 *apud* Augusto, 2005, s/p).

Feito esse preâmbulo, partimos a discussão da obra *A juventude na sociedade moderna* de 1972, que de fato é o foco desta análise, em especial, o primeiro capítulo intitulado *O conflito de gerações*. Nesta obra, de forte influência mannheniana, Foracchi (op. cit.) a fim de compreender o papel do jovem se dedica a questões importantes como o conceito de geração, a transmissão de um legado cultural, as noções de crise, o conflito e a polissemia da noção de juventude.

A autora, parte do pressuposto que toda sociedade constrói uma noção de adulto ideal, na qual estão sintetizadas as suas maiores aspirações, seus valores mais raros e suas normas mais características. Nessa noção de adulto ideal, está também, presente a identificação completa com os ideais que sustentam a sociedade e que definem o adulto perante a sociedade em que vive (FORACCHI, 1972).

Ao tomar o adulto como a condição social e humana, que determina uma forma de vida social, a autora alerta que, cada sociedade, independente de sua diversidade, assume, ainda que implicitamente, que a existência humana é marcada por um ritmo biológico. No entanto, há de se considerar que os fenômenos biológicos, cuja finalidade é definir a juventude por faixas de idade, podem ser sociologicamente equacionados, uma vez que são

expostos a contextos e avaliações sociais específicos. Dessa forma, cada etapa é compreendida em contraposição a anterior e, cada uma delas corresponde a uma geração distinta marcada pela idade (FORACCHI, 1972). Assim, *“uma geração pode ser definida com tal na medida em que possui um estilo de ação peculiar que se distingue do estilo de ação preexistente desenvolvido por uma geração anterior”* (FORACCHI, 1972, pág.19).

Posto isso, Foracchi (op. cit), de acordo com Mannheim (1982), chama atenção para o fato de que a geração, embora não seja uma classe nem um grupo, apresenta uma localização social comum numa dimensão histórica do processo social. Isto é, *“a geração possui uma modalidade particular de localização social”* (FORACCHI, 1972, pág.20).

A autora utiliza-se ainda, da noção proposta por Mannheim (1982), de que a geração sobrepõe-se às diferenças de classe, reunindo-as num contexto que abrange os grupos de faixas etárias próximas, inseridos no processo social, ou seja, expostos a uma mesma fase do processo coletivo. Isso significa que uma geração é exposta ao mesmo tempo às mesmas oportunidades de trabalho, experiências e circunstâncias de vida. Usufruem, juntos, os sabores e dissabores pelo modo com que adentram a estrutura social. Contudo, essa experiência compartilhada apresenta uma ordenação específica, não se fazendo, portanto, de forma desorganizada e difusa. Por essa razão, existem as continuidades e diferenças entre as gerações, ou seja, a absorção da experiência compartilhada se apresenta com uma unidade de geração, o que do ponto de vista formal, torna uma geração diferente da outra. Assim, entende-se porque os conflitos geracionais são, quase sempre, confrontos morais (FORACCHI, 1972).

A continuidade das gerações é essencial para assegurar a criação cultural e a transmissão da cultura – isso explica, mais uma vez o motivo pelo qual os embates, são quase sempre conflitos de valores, uma vez que as novas gerações podem assumir ou negar aquilo que tradicionalmente está enraizado na sociedade. A existência de novos agentes sociais na estrutura social representa, pelo ponto de vista da preservação e da transmissão cultural, uma segurança de continuidade e renovação. Garantindo assim, além da preservação cultural, a preservação moral de cada sociedade. Isso posto, compreende-se que é na inflexão do diálogo estabelecido entre duas gerações – jovens e adultos – que se localiza o núcleo crítico do conflito (FORACCHI, 1972).

Foracchi (1972) sinaliza que as diferentes abordagens sobre a juventude como categoria analítica se apóiam, explícita ou implicitamente, na ideia de crise. Por isso, as relações entre as gerações, o conflito ou a continuidade são analisados com base na crise da

juventude, mais especificamente no confronto geracional. Dessa forma, a juventude aparece espontaneamente como um problema, como um conceito que merece ser analisado.

Vale lembrar que o conflito acontece quando as críticas não são absorvidas, quando uma nova ordem emergente parece confrontar as tradições. Este, como já dito, é um conflito de valores, cujas barreiras de idade são irrelevantes. Isto porém, segundo a autora não impede que a idade seja objeto de definição social. Os grupos de idade são centros de socialização do indivíduo e, no limite, certificam a continuidade do sistema. A autora ressalta ainda que são nos grupos de idade que a crise se qualifica como crise de identidade e auto-avaliação, e que esses sentimentos se mantêm e se desenvolvem através da participação grupal (FORACCHI, 1972).

O grupo, no entanto, possui uma adequação social que lhe é própria e que embora regulamentado por controles espontâneos, tem pouquíssima margem de compromisso com a ordem institucional vigente. Subsiste assim, a geração como presença histórica e social. Nesse cenário, é com os adultos que os jovens aprendem a ser adultos também, o significado da socialização é a internalização de valores e regras que governam as relações do mundo adulto. Logo, o hiato entre ambos pode ser entendido em função das diferenças de idade, embora a idade seja passível de definição social (Foracchi, 1972).

De tal modo, a descontinuidade das gerações está referida ao ritmo de mudança social, nesse quadro é inaceitável supor que a geração adulta não seja afetada pelo mesmo conjunto de fatores que geram as descontinuidades. Isso nos leva a admitir que jovens e adultos, são de maneira distinta, atingidos pelo mesmo processo que dilacera suas relações e são ao mesmo tempo, produtos desse processo. Nessa perspectiva, o rompimento não se efetua no plano da geração adulta, em si, mas naquilo que ela representa. Não são dois momentos distintos, mas um momento abrangente e total (Foracchi, 1972, pág. 28/29).

Em resumo, o comportamento de ruptura que se associa a esta fase da vida – a juventude - acaba sendo pontilhado por crises intermitentes que ficam, basicamente, aprisionadas pelas relações sociais, em limites de idade que marcam esta etapa como uma etapa transitória e assim, um enorme potencial humano é incapaz de ser absorvido, com criatividade, pelo sistema social (Foracchi, 1972).

Otávio Ianni em sua obra *Industrialização e desenvolvimento social no Brasil de 1962* alude ao jovem radical. Nesse sentido, o pensamento social brasileiro reage frente a uma reflexão do jovem na sociedade capitalista. O autor vai tentar explicar como se desenvolve essa consciência social que transforma o jovem em político ativo, uma vez que o autor

relaciona o “*advento político da juventude*” à história do modo de produção capitalista (SILVA, s/d).

Também sob influência de Mannheim, a questão central da discussão proposta por Ianni (1962) é, como já dito, entender como se desenvolve a consciência social que transforma o jovem em ator político. Nesse sentido, o autor toma como base para a análise a posição de classes do indivíduo dentro de uma contextualização histórico-estrutural da sociedade. A postura de Ianni (op. cit) destaca ainda a distância que o autor procura manter das interpretações negativas da juventude que associam a revolta juvenil a causas psicológicas, morais, institucionais, entre outras que segundo o autor oferecem apenas explicações fragmentadas para o problema, perdendo assim, a complexidade do todo (SILVA, s/d).

Nesse sentido, a condição da juventude na sociedade capitalista é compreendida pelo autor dentro de uma visão estrutural das implicações de classe sobre o jovem e de determinações político-econômicas que condicionam o jovem a se tornar um radical ou um conservador (SILVA, s/d).

Ao relacionar o aparecimento político da juventude à história do modo de produção capitalista, Ianni (1962) considera que os países que desenvolveram o modo de produção capitalista possibilitaram a ação política juvenil devido às transformações ocorridas nas na sociedade naquele momento como foi o caso de países como o Brasil, Cuba, Venezuela, entre outros países da América Latina que possuíam como líderes de seus movimentos radicais jovens que poderiam estar envolvidos tanto em correntes políticas da direita como da esquerda. O autor sinaliza ainda que a juventude é um momento de imaturidade e isso pode influenciar suas escolhas em relação a doutrinas políticas que, por vezes, pode ser incompatível com os interesses de sua classe (SILVA, s/d). Faz-se importante dizer que, apesar de uma visão estruturante voltada à compreensão de classes Ianni (1962) se afasta das concepções de Bourdieu (op. cit.) na medida em que elucida a importância dos contextos históricos e sociais que compreendem, dentro de um mesmo conceito, universos distantes e por vezes contraditórios.

Vale dizer ainda, em consonância com Silva (s/d), que os estudos de Foracchi (1965; 1972) e Ianni (1962) demonstram os primeiros esforços da sociologia brasileira em compreender a juventude enquanto categoria analítica, abrindo espaço para que outros trabalhos fossem desenvolvidos e para que a sociologia da juventude pudesse ser consolidada no Brasil.

4. Discussão da abordagem contemporânea

4.1 A juventude na análise contemporânea

É bastante comum associações entre juventude e futuro, transformação e mudança. Nesse contexto, Novaes e Vital (2005) destacam que são os jovens os herdeiros da sociedade, de seus símbolos, valores, regras de conduta, bem como são os reprodutores da tradição ou os que definem os padrões de mudança. Por isso, pensar nos jovens provoca certa apreensão em relação ao futuro, evoca expectativas.

Compreender a juventude é compreender o mundo hoje (NOVAES E VITAL, 2005). E isso explica o fato de que nos últimos anos tem crescido o interesse sobre os jovens no Brasil, tanto por parte da esfera pública como por parte da academia, das instituições governamentais e não governamentais e atores políticos que prestam serviços sociais (ABRAMO, 1997). O universo populacional cresceu consideravelmente, ainda que esteja “envelhecendo”; o contingente nessa faixa etária exige uma atenção por parte dos setores organizados da sociedade.

No meio acadêmico, após anos de quase absoluta ausência, a juventude volta a ganhar espaço, principalmente, nos programas de pós-graduação, através das dissertações de mestrado e das teses de doutorado, contudo, a maior parte da reflexão ainda é sobre os sistemas e instituições que permeiam a vida dos jovens. Pouco se discute, ainda hoje, a respeito de como os jovens vivenciam este período, suas formas de atuação, sociabilidade, seus signos culturais, entre outros elementos que constituem a pluralidade do universo juvenil (ABRAMO, 1997).

Há que se considerar, porém, que no cotidiano, a juventude tende a ser vista pela ótica do negativismo (DAYRELL, 2007) como um momento transitório, de inexperiência, imediatismo, irresponsabilidades, desinteresse, cujas marcas, no decorrer do tempo tornaram-se uma espécie de fardo, de preocupações negativas. Contudo, paradoxalmente, o jovem é associado à transformação, esperança e futuro.

Como recorda Abramo (1997), a juventude tem estado presente nas análises como uma categoria propícia a simbolizar os dilemas da contemporaneidade. Por isso, a juventude vista como categoria geracional que substitui a atual, aparece como um retrato pejorativo da sociedade e nesse sentido carrega os medos e as esperanças de uma conformação social

futura. Dessa maneira, a juventude só se torna objeto de estudo enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social (ABRAMO, 1997, pág. 29).

Nesse cenário, a juventude aparece, genericamente, como uma fase transição. Segundo Abramo (1997) a concepção de juventude corrente na sociologia e difundida, como noção social está fundamentada na sociologia funcionalista que a definiu, enquanto categoria de análise, como um momento de transição no ciclo da vida, isto é uma fase entre a infância a vida adulta que corresponde a um momento delicado de socialização e integração como membros da sociedade apropriados através da transmissão cultural e da capacidade de assumir papéis da vida adulta. Sendo então, o momento em que o indivíduo se prepara para integrar a sociedade e exercer papéis os quais se tornou apto, através da interiorização de um legado cultural cujos valores, normas e comportamentos são fundamentais para a continuidade social. É o momento em que o indivíduo se efetiva ou não, trazendo consequências para a coesão social (ABRAMO, 1997). Não por acaso, sua problematização é quase sempre moral.

Frente a esse paradoxo, construir uma noção de juventude não é uma tarefa fácil, especialmente porque os critérios que a constituem são histórica e socialmente construídos (Dayrell, 2007). Como lembra Peralva (1997) a juventude é ao mesmo tempo uma condição social e uma representação que carrega consigo responsabilidades respectivas à preservação da ordem social, seja na ruptura em relação a ela, ou na sua transformação. Quer o passado imprima ao futuro o seu significado, quer o futuro se imponha ao passado como perspectiva de renovação (PERALVA, 1997). Logo, se há uma conformação de caráter biológico dado pelas transformações do indivíduo, em uma dada faixa etária, há também uma forma muito característica com que cada sociedade em um tempo histórico determinado as compreende (DAYRELL, 2007).

A partir desse ponto de vista, *“a juventude é como um espelho retrovisor da sociedade”* (NOVAES e VITAL, 2005, pág. 110). Logo, uma análise sobre juventude demanda, sobretudo, a compreensão da sociedade em que ela se situa. É importante dizer que a condição juvenil é vivenciada de maneiras distintas conforme as condições de gênero, oportunidades de trabalho, etc. e todas essas condições variam conforme a maneira com que cada sociedade interpreta sua juventude.

No geral, há a tendência de homogeneizar a juventude por meio de concepções genéricas que pressupõem algumas conclusões também genéricas. Entre as mais frequentes, na atualidade, vemos a juventude como consumista, individualista, conservadora, alienada e

apática. Deste modo, no senso comum, nos meios de comunicação e até mesmo em certos espaços acadêmicos prevalecem imagens negativas dos jovens (NOVAES, 2005).

Nesse contexto, construir uma noção de juventude que abarque a diversidade implica, primeiramente, em não aprisioná-la a padrões fixos de definição, considerando os contornos específicos e o conjunto de experiências em cada contexto social e, sobretudo, não limitar a juventude a uma determinada etapa da vida com um fim pré-estabelecido, como uma fase a ser superada pela vida adulta, uma vez que ela não se resume a mera transição e todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto que se desenvolve e pelas respostas oportunas das experiências e trocas. É nesse sentido que a noção de juventudes, no plural, deve ser entendida (DAYRELL, 2007).

Diante desse cenário, Castro (2008); Abramo (1997); Novaes (2005) e Dayrell (2007) propõem a compreensão do jovem enquanto ator social, que como tal constrói, de acordo com suas especificidades, uma forma de se posicionar diante do mundo.

Castro (2008) salienta que privilegiar a característica da transitoriedade nas percepções sobre juventude insinua a imagem de pessoas em formação, inacabados, sem experiência, sem vivência, ou enquanto grupo social que precisa ser tutelado. Acarretando assim, a deslegitimação juvenil, sobretudo, nos espaços de decisão. De encontro a Castro, Abramo (1997) ressalta que

(...) ao privilegiar o foco de nossa atenção sobre os jovens como emblemas dos problemas sociais, muitas vezes não conseguimos enxergá-los e entendê-los propriamente; e, como consequência, nos livrar de uma postura de desqualificação da sua atuação como sujeitos (ABRAMO, 1997, pág.35).

Nesse sentido, Dayrell (2007) se apropria da concepção de sujeito de Charlot (2000) e propõe a concepção do jovem enquanto sujeito social pelo mesmo ponto de vista, isto é, um ser singular, dotado de história, que interpreta o mundo e lhe confere sentidos, assim como atribui sentido à posição que ocupa em sociedade, a sua relação com os demais e a sua própria historicidade e singularidade. De tal modo, o jovem é um sujeito ativo, age no mundo e sobre o mundo e nessa ação se produz e é produzido pelas relações que estabelece.

Ainda sob essa perspectiva, Novaes e Vital (2005) buscam compreender as formas de inserção que jovens têm buscado na estrutura social e sugerem que “há algo novo no ar”.

Hoje há grupos de jovens que se organizam com base em objetivos artísticos e culturais, cujas atividades têm repercussões políticas nos locais onde vivem e na construção do espaço público, provocando repercussões políticas. Esses grupos, por meio de ritmos, gestos, rituais e palavras, instituem sentidos e negociam significados, buscando notoriedade pública e disputando adesões de jovens. Inventam e reinventam estilos que se tornam formas de expressão e comunicação entre significativos contingentes de jovens.

Os grupos de arte e cultura também têm motivado a participação social de diferentes tipos de jovens em variadas organizações. Funcionam como articuladores de identidades e referências para a elaboração de projetos individuais e coletivos.

A literatura tem mostrado um conjunto variado de grupos urbanos associados a comunidades esportivas, rádios comunitárias, grupos de teatro e de dança e estilos musicais (*rock, punk, heavy metal, reggae, funk* e outros) que desempenha uma importância crescente entre os jovens. Tais comunidades promovem novas formas de pertencimento social que lhes permitem expressar seus descontentamentos, fazer denúncias e elaborar novos caminhos de participação (NOVES E VITAL, 2005, pág. 130).

Vale ressaltar que passados dez anos dos estudos de Noves e Vital (2005) este ainda é um tema relevante e atual cujas análises ainda merecem atenção. Da mesma forma, Giddens (1991) também se faz extremamente atual ao considerar que essa condição juvenil vem se construindo em um contexto de profundas transformações sócio-culturais ocorridas no mundo ocidental nas últimas décadas, fruto da ressignificação do tempo e espaço e da reflexividade, dentre outras dimensões, o que vem gerando uma nova arquitetura do social.

4.2 Apontamentos sobre a ausência do conceito

De acordo com as análises dos trabalhos do GT da Sociologia da Juventude, na SBS, nos anos selecionados, todos os autores analisados foram categorizados a partir dos usos dos termos *jovem* e *juventude* e podem ser incluídos em duas classificações: aqueles que não apresentam discussão sobre o conceito e o relaciona aos temas trabalhados de forma genérica e universalista e aqueles que apresentam discussões e reflexões a respeito da juventude enquanto categoria analítica.

Dos trabalhos analisados, 23 aparecem na primeira classificação e 25 na segunda. Tais números corroboram para o trabalho de Sposito (1997), no qual a autora alerta para o fato de que os estudos sobre juventude não são centrais nas academias brasileiras, sendo sua produção restrita a grupos de pesquisa e observatórios. Autora ressalta ainda que essa é uma temática, geralmente, negligenciada também no âmbito internacional e que as investigações são centradas em mobilizações juvenis ou em momentos críticos em que a juventude é vista como ameaça. Na área da educação, a temática é recorrente, contudo, centrada na realidade escolar.

A reflexão de Sposito (1997) ajuda a compreender o elevado número de trabalho que abordam a temática juvenil relacionados a temas como: violência, participação política, desigualdade social, trabalho, políticas públicas, gênero, entre outras.

Entre os trabalhos que não apresentam discussão conceitual, a juventude aparece, em maioria, de maneira genérica, como uma categoria não homogênea, tratada como uma fase

entre a infância e a vida adulta, sem sentido em si, mas que ganha alguma relevância por ser uma espécie de preparação para o mundo adulto. Quanto aos temas relacionados, estes são quase sempre associando a juventude aos problemas sociais (PAIS, 1990), o que revela uma inclinação ainda pejorativa e associada a uma sociologia do desvio.

4.3 Apontamentos sobre o conceito nos trabalhos da SBS

Embora nos demais trabalhos também apareçam, de forma consensual, algumas reflexões já indicadas eles não apresentam discussões em torno da categoria. Logo, nesse tópico serão discutidas algumas abordagens conceituais, que são alvos de reflexões nos trabalhos investigados.

A conclusão de que a juventude é uma categoria construída socialmente e não homogênea é consensual nas discussões. Nesse sentido, a compreensão da categoria depende da maneira com que cada sociedade a interpreta, por isso, ela deve ser entendida em seus diferentes contextos, estes marcados pela diversidade de condições sociais, culturais, de gênero, locais de moradia, entre outros aspectos.

Paulo (2011; 2013), Dayrell (2013), Weisheimer (2013), Benevenuto (2013); Alencar e Oliveira (2013), Carade (2013), Machado e Peres (2013); Gracioli e Vannuchi (2013) compreendem que a juventude é uma criação da modernidade marcada pela transição entre a infância e a vida adulta. E embora comporte algumas transformações biológicas e psicológicas - associadas às fases da vida - a construção social desta categoria mostra-se bastante diversificada na maneira com que cada sociedade, em determinados períodos históricos, relacionam a juventude em suas representações sociais. Nessa concepção os pesquisadores procuram se afastar de rotulações genéricas e universalistas.

Ainda com base em tais autores, há de se considerar que consiste em um equívoco aprisionar a juventude a critérios rígidos bem como sustentar a existência de uma forma específica de ser jovem. Pais (1993), citado por Gracioli e Vannuchi (2013), considera que “a juventude é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo” (PAIS, 1993, p. 29).

De encontro a Pais (1993 *apud* GRACIOLI E VANNUCHI, 2013), Alencar e Oliveira (2013) ponderam que a juventude é uma categoria em constante construção social e que no decorrer do processo histórico, os grupos etários se redimensionam, ora por questões culturais, ora por condições socioeconômicas. Nessa mesma vertente, Weisheimer (2013),

pondera que ao aludirmos ao termo “jovem” estamos designando indivíduos concretos e seus processos de socialização específicos. Ainda segundo o autor, “esses são sujeitos históricos, cujas trajetórias sociais efetivam o que conhecemos como fenômeno social da juventude” (WEISHEIMER, 2013, pág. 4).

Paulo (2011), por sua vez, sinaliza que a juventude foi construída por um modelo de sociedade universalista que possibilita a convivência de indivíduos, em uma mesma faixa etária cuja finalidade seria diminuir as tensões entre os indivíduos e a própria sociedade, construindo assim um processo transitório que levasse os indivíduos a se inserirem no mundo adulto.

Retomando a compreensão de fases da vida e a transição para o mundo adulto, aparece intimamente ligado a este momento o estabelecimento de faixas etárias. No entanto, embora seja quase unânime que os cortes etários não explicam a dimensão da juventude enquanto categoria social, estes aparecem como uma importante ferramenta metodológica.

Segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde) as diferentes faixas etárias abrangidas pela categoria juventude são as que se encontram entre os 15 e os 24 anos; para a UNESCO, as faixas etárias estão entre 15 e 21 anos e no Brasil, tanto para a Secretaria Nacional de Juventude quanto para o Conselho Nacional de Juventude, bem como para o Estatuto da Juventude sancionado pela Presidenta Dilma em agosto de 2013 o corte etário compreende as idades entre 15 e 29 anos. (ALENCAR E OLIVEIRA, 2013)

Ferreira e Albuquerque (2013) assinalam ser consenso, na literatura brasileira, que a faixa etária correspondente ao tempo de ser jovem compreende as idades entre 15 e 29 anos. Tal recorte pode ser compreendido pela disposição dos documentos oficiais que sintetizam e agrupam a categoria no Brasil. Ainda segundo Machado e Peres (2013), estas extensas faixas, conforme o Estatuto da Juventude (Projeto de lei 27/2007) e pela Secretaria Nacional de Juventude desdobram-se em três periodizações: (a) jovens adolescentes (15-18), (b) jovem (18-24) e (c) a do jovem adulto (25-29).

Nesse contexto a juventude aparece, em algumas leituras, como uma fase da vida que propicia a experimentação, transgressão, a rupturas, a vulnerabilidade, ao imediatismo, etc (ROMERA E REIS, 2013), (DAYRELL, 2013), (OLIVEIRA, 2013), (SALLAS, 2013), (LOLIS, 2013), (GADEA E BRUSIUS, 2011).

Pinheiro e Souza (2011), afirmam ser consensual nas teorias explicativas de juventude que ser jovem corresponde a uma fase de transição para a vida adulta, marcada pelo tempo das experimentações, portanto, marcada por um estilo de vida cujas mudanças

identitárias, sexuais e profissionais se fazem presentes. E acrescenta que *“ser jovem, por exemplo, é fazer parte de uma determinada faixa etária, geralmente, utilizada pelos institutos de pesquisas populacionais como suporte para fomentar políticas públicas nas áreas de saúde, educação, trabalho, lazer e segurança pública”* (PINHEIRO E SOUZA 2011, pág. 3). Ainda, recorrendo a Novaes (2008) os autores consideram que, em contextos de incertezas em relação ao futuro, a juventude pode ser concebida, também, como protagonista de um período marcado pelas disputas por oportunidades de trabalho, pelas lutas pela emancipação política, reconhecimento profissional, e, em particular como um período da vida em que o sentimento de vulnerabilidade a violência é mais expressivo. Gedeia e Brusius (2011), por sua vez, compreendem a juventude como uma “fase de crises” cujo jovem pretende se firmar diante de um mundo adulto e nesse contexto, a transgressão das regras aparece como característica da adolescência⁵, como busca por diferenciação e afirmação de identidade.

De encontro ao pensamento de Gadea e Brusius (2011), Ferreira e Albuquerque (2013) consideram ser possível, que os jovens, na tentativa de serem reconhecidos adultos, passem a ter atitudes que imaginam representar “maturidade” e “independência” como fumar, beber, usar drogas, ficar na rua até tarde e até mesmo, iniciar a vida sexual.

Na contra contracorrente e retomando a discussão anterior, Machado e Peres (2013) ressaltam que, outro consenso da literatura é desconstruir a percepção de que é possível identificar uma essência na juventude. Por consequência, não cabe na juventude generalizações nem rótulos. Logo, ela também não pode ser delimitada por uma idade cronológica.

Narciso (2013) destaca que enquanto categoria social a juventude conduz uma abordagem orientada para a diversidade cujas representações juvenis devem ser entendidas em sua pluralidade. Desse modo, o termo juventude encerra em si inúmeras representações e idealizações (MACHADO, 2011). E conforme Dayrell (2003 *apud* MACHADO, 2011) deve ser entendido ao mesmo tempo como uma condição social e um tipo de representação.

Nessa perspectiva, Dayrell (2003 *apud* NARCISO E NEVES, 2011) propõe a compreensão dos jovens como sujeitos sociais que *“constroem um determinado modo de ser jovem”* diversificada pelas condições sociais, culturais e de gênero. De tal modo, o termo juventude é uma categoria em permanente construção social (ALENCAR E OLIVEIRA, 2013). O sujeito age no mundo e se produz nessa relação, sendo, ao mesmo tempo produto dessas relações (Narciso e Neves, 2011).

⁵ Termo usado pelo autor como sinônimo de jovem

Apropriando-se da discussão de Giddens (1989), Paulo (2013), parte do pressuposto que não se podem compreender as transformações sociais sem considerar as ações individuais, entendendo que os indivíduos são agentes sociais em estreita relação com a estrutura social, sendo produto e produtor da mesma.

Considerando, então, a diversidade que contempla esta enorme faixa etária, aparecem os conceitos de condição e situação. Narciso (2013) entende que a heterogeneidade desse conceito, passa pela diversidade de experiências que os diferentes grupos de jovens vivenciam e pela complexidade dos processos de transição, ao longo do ciclo de vida dos indivíduos. Dessa forma, a noção de condição juvenil remete a uma etapa do ciclo da vida que se situa entre a infância e a vida adulta. É como se a juventude fosse um tempo suplementar de preparação para as atribuições do mundo adulto. Ou na concepção de Dayrell (2007), “um vir a ser”. Os resultados de duração e significação social desse momento só fazem sentido à luz da compreensão cultural e histórica, por isso é importante falar em “juventudes” e não em “juventude”. O plural da categoria juventude exprime as particularidades da realidade de cada sujeito de acordo com a época e contexto em que se vive (NARCISO, 2013)

Na mesma direção Weisheimer (2013), por sua vez, sinaliza que:

A condição juvenil corresponde ao modo como a sociedade constitui e atribui significados às juventudes em determinadas estruturas sociais, históricas e culturais, implicando um modo de ser jovem determinado por estruturas sociais mais amplas. Desta maneira, buscamos destacar que, mais do que uma faixa etária, a condição juvenil é uma posição na hierarquia social – trata-se de uma posição subordinada aos adultos.

Por sua vez, a *situação juvenil* diz respeito aos diversos percursos experimentados pela condição juvenil, ou seja, traduz as suas diversas configurações estando assim mais próxima da realidade vivida pelos jovens em certas circunstâncias sociais. Esta última categoria é utilizada então para referir-se aos variados processos empíricos, condições conjunturais e particularizadas das múltiplas juventudes (WEISHEIMER, 2013, pág.5)

O autor considera ainda que essas “definições seriam incompletas se não incorporassem a multiplicidade das condições sociais de existência dos jovens e das formas de representação delas resultantes” (WEISHEIMER, 2013, pág.5). Isto indica a necessidade de considerarmos os termos no plural “juventudes e jovens”, uma vez que estes vivem realidades sociais distintas, construindo experiências e vivenciando trocas e identidades juvenis diversas. Podemos assim entender, segundo a interpretação do autor, que as categorias *juventude* e *condição juvenil* são representações homogeneizadoras, uma vez, que realçam os aspectos comuns, enquanto que as categorias *jovens* e *situação juvenil* permitem destacar a pluralidade e especificidade interna a este segmento social (WEISHEIMER, 2013). Pode-se

assim dizer que as singularidades juvenis são resultados das experiências e trocas advindas dos processos de socialização.

Diante da diversidade de expressões e representações que envolvem o “universo juvenil”, considerar a juventude como simples manifestação de atitudes e comportamentos resultantes do processo de desenvolvimento humano – indicados pela idade cronológica – é aprisioná-la a moldes vazios de valores, emoções e expressões características de sua inserção nos paradigmas sociais e culturais (GUIMARÃES E GRINSPUN, 2008, *apud* BENEVENUTO, 2013).

Sallas (2013) a partir do modelo teórico elaborado por Nbert Elias (2000), cujas relações e processos dinâmicos são considerados fundamentais, parte da ideia da juventude como um elemento característico de diferentes figurações com sua pluralidade de relações e sentidos (SALLAS, 2013). Desse modo, considerando que diversos aspectos influem nas formas com que a condição juvenil é vivenciada, não se torna interessante tomar a juventude como uma cultura indivisa (OLIVEIRA, 2013).

Nesse contexto, Paulo (2013) constata que apesar da compreensão de que a juventude é uma fase no curso da vida, ela não pode ser delimitada por um recorte cronológico. Um corte etário, diria Souza e Oliveira (2013), demarca apenas um tempo no qual definido pelas ações sociais configuram-se os direitos e deveres desse segmento. Então a definição cronológica não é nada além de uma definição numérica na vida do ser humano para suas atribuições sociais.

Assim, para evidenciar a representação social da juventude é necessário compreendê-la em sua totalidade. Por conseguinte, a juventude não seria uma etapa com início e fim predeterminado, nem um momento de preparação para a entrada no mundo adulto e que deve ser superado por ele. Não há uma evolução linear, mas uma evolução em ciclos vitais que se relacionam às mudanças e transformações inerentes à vida do indivíduo (NARCISO, 2013).

Essas concepções corroboram com a análise de Bourdieu (1983, pág. 113) de que a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e tomar a juventude como um grupo coeso e relacionar esta coesão a uma idade biológica já constitui uma manipulação evidente.

No entanto, vale ressaltar que apesar do destaque para a diversidade e pluralidade contemplados na categoria juvenil há uma vertente de pensamento que considera haver comportamentos próprios à juventude, embora considerem que os significados em cada uma delas sejam profundamente diferentes.

Ferreira, Albuquerque e Calado (2013) apontam que a literatura reconhece características e comportamentos próprios à juventude e a fim de sustentarem tal afirmação, se utilizam da seguinte passagem:

Busca de si mesmo e da identidade; tendência grupal; necessidade de intelectualizar e fantasiar; crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; deslocação temporal, em que o pensamento adquire as características de pensamento primário; evolução sexual manifesta, que vai do autoerotismo até a heterossexualidade genital adulta; atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversas intensidades; contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual típica do período; separação progressiva dos pais; constantes flutuações de humor e de estado de ânimo (TRASSI, 2006, p. 213/214 apud FERREIRA, ALBUQUERQUE E CALADO 2013).

No entanto, a hipótese de Sallas (2013) é de que seus sentidos de pertença e os significados de suas expressões sejam complementemente distintos entre si. Dessa forma, por mais que as práticas culturais sejam parecidas e por mais próximas que possam parecer as tendências juvenis, elas advêm de contextos sociais e culturais diversos e estes, por sua vez, se inserem no cotidiano de maneiras diversificadas.

4.4 A categoria aludida, na construção de um ator social, nas políticas públicas

O interesse pela juventude surge nos anos 20 em razão do comportamento anômico protagonizado por grupos juvenis em Chicago, naquela época. Essa era a interpretação dos estudos advindos da Escola de Chicago. Nesse contexto, buscavam-se explicações que pudessem sanar as indagações a cerca das aproximações juvenis à delinquência. Diante disso, a juventude passa então a ser vista como um sujeito incompleto, que necessita de monitoramento e disciplina de um mundo adulto.

Atualmente, embora a oposição hierárquica entre a juventude e a modernidade não tenha sido superada, Peralva (2007 *apud* Ferreira Gomes, 2013) ressalva que a juventude conquistou representação positiva, não apenas por aquilo que um dia ela será, mas pelo que ela é hoje, desse modo, a juventude ganha sentido em si própria. Essa interpretação é controversa na medida em que observa-se no Brasil experiências juvenis distintas, de componente classista. Até que ponto jovens de contextos sociais tão desiguais assumem expectativas positivas, tal qual jovens de classe média podem assumir? A representação positiva o qual a autora defende alude-se a uma homogeneização que não se aplica na realidade concreta. Nesse sentido, o debate ganha projeções inaugurais por que tenta recuperar o debate classista o qual Bourdieu (1983) sinalizou.

O tema juventude ganhou relevância diante dos governos de vários países, sobretudo, a partir de 1985, que foi declarado o Ano Internacional da Juventude pela ONU, ação que buscou incitar os países a cunharem estratégias para o enfrentamento de problemas relacionados a esse grupo. Entretanto, no Brasil o tema despertou o governo com menos vigor. No início da década de 1990 foi lançado o Estatuto da Criança e Adolescente e o tema da juventude foi englobado a essas duas fases da vida, sem distinção (SILVA, ANDRADE, 2009 *apud* FERREIRA GOMES, 2013).

Somente ao final dos anos 1990 começam a surgir projetos voltados para a juventude, isso porque, os fenômenos sociais no final da década de 1980 converteram a juventude num grupo de risco social. Como, por exemplo, a violência que explodiu a partir dessa época, cujas principais vítimas eram jovens, bem como os impactos da crise econômica, que elevaram o desemprego, sobretudo entre os jovens. Nesse cenário, a partir do novo milênio as políticas públicas de juventude viraram tema da agenda do governo brasileiro (FERREIRA GOMES, 2013).

A partir de 2004, inicia-se então um amplo debate entre o governo e os movimentos sociais sobre a urgência de se implantar no país uma política de juventude, levando em consideração que a vulnerabilidade desse segmento, está na maioria dos casos, atrelada às condições sociais (ALENCAR E OLIVEIRA, 2013).

Simões (2013) elucida que em 2005 foram criados pelo governo a Secretaria Nacional da Juventude - SNJ e o Conselho Nacional da Juventude - CNJ e nesse mesmo ano, é proposto na Câmara dos Deputados o Estatuto da Juventude, cuja aprovação só ocorreu em 2013. Nesse processo, a autora relata a ausência de atores coletivos estruturados que lutassem pela categoria, até mesmo nos movimentos sociais. Segundo ela, a participação dos movimentos sociais de juventude aconteceu apenas em momentos pontuais.

Com base no exposto, é importante considerar que nas sociedades latino americanas, recorda Abramo (1998 *apud* NOVAES, 2005), há um desencanto geral com que se soma a certa desilusão com as democracias que não conseguiram suprir as promessas de superação dos problemas sociais. Abramo (op. cit.) sublinha ainda que é muito diversificada, hoje, a face social que os jovens se mobilizam.

Desse modo, ao considerar apenas os espaços formais de participação juvenil, se perde uma enorme perspectiva daqueles que se reúnem fora das esferas formais da política, entre eles, os coletivos juvenis. De fato,

(...) nos setores populares urbanos – e também no âmbito de alguns movimentos que congregam jovens rurais – proliferam hoje grupos ecológicos, musicais, esportivos,

religiosos, cujas ações imediatas visam transformar as chamadas “comunidades locais”. Esses grupos tendem a se articular em espaços geograficamente mais amplos para realizar intercâmbios artísticos, culturais e de experiências de ação social, para participar de articulações e mobilizações ligadas às suas áreas de atuação, para participar de campanhas e mobilizações relacionadas a interesses mais amplos da cidadania (NOVAES, 2005, pág. 118).

Desse modo, é nitido que ao se associarem a grupos culturais os jovens adentram a esfera política e criam espaços de discussões e representações conforme os objetivos específicos de cada segmento juvenil. Aparecem nos coletivos juvenis as defesas por interesses comuns, os anseios e demandas por participação na arena política. Assim posto, e de encontro às análises de Dayrell (2005), ao construir um “eu”, também é construído um “nós” que busca formas de se firmar enquanto ator social diante de um mundo adulto.

Diante do exposto, é notável a necessidade de análises que contemplem os grupos que não se organizam de acordo com os modelos clássicos de participação política, antes de descartá-los como “puramente” artísticos, místicos ou assistencialistas, é indispensável avaliar melhor suas formas de atuação no espaço público e atentar para seus efeitos políticos. No que diz respeito àqueles considerados tradicionais, antes de focalizar a crise das representações e determinar sua inexistência é importante compreender como esses espaços têm se modificado através do surgimento de novos temas e formas de organização com as quais são obrigados a conviver atualmente (NOVAES, 2005). Sendo assim, protagonistas de um novo modo de fazer política, embora, quase sempre, não sejam notados frente às instituições do poder público.

Na busca de um protagonismo juvenil, as políticas públicas também merecem destaque. Conforme a avaliação de Souza e Oliveira (2013) elas se pautam na possibilidade de construir uma cidadania baseada no compromisso público da igualdade, por essa razão a igualdade é um aspecto intrínseco às etapas de desenvolvimento de formulação de políticas públicas. No entanto, mesmo em busca de um protagonismo juvenil e de políticas públicas que dêem oportunidade para a inclusão social e integração no mercado de trabalho, o número de jovens em quadro de vulnerabilidade social ainda é extremamente alto. Portanto, o constante crescimento da violência entre jovens são indicadores de que padrões de políticas públicas estão sendo utilizados de maneira equivocada. Esta ineficácia acontece pelo entendimento errôneo, do que os aplicadores e gestores de políticas públicas entendem por desenvolvimento (SOUZA E OLIVEIRA, 2013).

Nesse cenário, Castro e Miriam Abramovay (2004 apud CARADE, 2013) ao analisarem o panorama histórico sobre o enfoque das políticas de juventude na América Latina, e sobretudo no Brasil apontam três pecados capitais: a) não conceberem os jovens

como atores com identidade própria; b) não avaliem a diversidade da juventude; e c) pensem os jovens a partir de um dualismo “adultocrata”, concebendo-os como agentes do futuro, aqueles sobre os quais repousa a esperança, o ideal de mudança não sendo, pois, atores do presente capazes de praticarem suas próprias histórias.

Por fim, e com base nos autores supracitados, é importante considerar que a juventude é uma categoria em constante disputa política e nesse sentido, cabe questionar se o modelo de políticas públicas destinados à juventude ainda é válido para um público tão plural. Aos gestores de políticas públicas cabe perguntar se, ainda são válidas, propostas homogeneizantes com tempos e espaços rígidos norteados por uma linha disciplinadora.

4.5 O espaço da juventude rural

Este é um tema que chama atenção pela ausência. Nos GTs, poucos são os trabalhos que versam sobre juventude rural, tal constatação contribui para a percepção de que a juventude rural é, geralmente, negligenciada nas discussões acadêmicas.

Sposito (2010) salienta que uma das fragilidades da literatura sobre juventude no Brasil reside na pouca ênfase dada ao estudo da juventude rural e sua emergência na arena pública. O foco dos “movimentos juvenis” encontra-se no meio urbano. E conforme ressalta Castro (2008), de preferência nas grandes metrópoles⁶.

Paulo (2013) sinaliza que a juventude rural, atualmente, é percebida como atores sociais importantes a serem considerados na constituição de políticas públicas, já que estes estão sendo vistos como atores importantes no processo de desenvolvimento e em um projeto de nação.

Nesse contexto, a juventude rural é apresentada como “uma juventude específica” por viverem na zona rural e construir a partir do campo suas visões de mundo, de si e do outro, por vivenciar problemas específicos de seu meio. Porém há de se considerar que, evidentemente, essas composições se diferenciam de um país para outro, de uma região para outra e mesmo de um município rural para outro (WANDERLEY, 2009 *apud* PAULO, 2013, pág. 3).

É importante, portanto, contextualizar o meio rural do qual se fala e quais os processos históricos que teceram suas contradições para que se possa compreender de que

⁶ A autora levanta a hipótese de tal lacuna residir no pouco conhecimento a cerca da juventude rural e aponta como possível explicação o fato de que aqueles que são identificados como rural serem considerados uma população específica e minoritária (Castro, 2009, p. 182).

jovem rural se fala (PAULO, 2013). Logo, um aspecto importante ao tratar a juventude rural é encarar os jovens com suas diferentes características e realidades. Dessa forma, Weisheimer (2005; 2013) pondera, também no espaço rural, ser *“mais correto privilegiar a as noções de juventudes e jovens rurais no plural, uma vez que eles vivem realidades sociais bastante diversas”*.

Partindo dessa perspectiva, o rural se constitui como um *lugar de vida* cujos sentidos de ser jovem são específicos não, necessariamente, pelos valores associados à juventude, mas pelos significados atribuídos a tais valores nos espaços rurais heterogêneos, em que se encontram esses jovens (PAULO, 2011).

Benevenuto (2013) por sua vez, chama atenção para os pontos convergentes entre essa multiplicidade juvenil, segundo o autor essa é uma categoria que se diferencia das demais por uma espécie de aproximação a símbolos comuns. Utilizando-se de Campbell (2001) Benevenuto (op. cit) avalia que embora algumas atividades e produtos de consumo não façam parte do cotidiano dos jovens rurais seja pelo difícil acesso, pela distância de moradia, pela falta de oportunidade de participação ou pelo custo, estes fatores não impedem o consumo, mesmo que de forma imaginária.

Essa assertiva nos leva a questionar até que ponto vai a fragmentação entre o jovem da cidade e o jovem da roça e, sobretudo, quais são seus pontos de convergência. Leva ainda a pensar se essas juventudes tem tido os mesmos acessos e consumido os mesmo produtos. Que apesar das diferentes formas de ressignificação reduzem as distâncias entre o campo e a cidade.

Avançando na discussão, Coradini e Pandolfo (2013) destacam que na juventude, expressam-se os conflitos e tensões sobre a manutenção ou não de um determinado modo de vida, negando ou reafirmando a tradição cultural que lhe foi transmitida a partir do processo de socialização⁷. Desse modo, os autores discutem a dualidade entre o tradicional e o moderno, sintetizando que o conflito se faz presente na vida dos jovens agricultores através da contradição entre a cultura acumulada pelas gerações e a cultura global – disseminada através dos meios de comunicação de massa. Assim, se até pouco tempo o rural era marcado pelo atraso e distanciamento das tecnologias, hoje essa realidade já não pode se generalizada. Percebe-se dessa forma, uma interação mais rápida com os produtos culturais urbanos e maior

⁷ É importante destacar que apesar de muitos trazerem a ideia de conflito, apenas Coradini e Pandolfo (2013), ainda que implicitamente, se apropriam do conceito de geração. Um conflito que, na concepção dos autores, é como analisa Foracchi (1972) um conflito de valores.

assimilação de tendências em tempo real (CORADINI E PANDOLFO, 2013). As distâncias se encurtam.

No entanto, apesar das modificações ocorridas nos últimos anos no meio rural e do surgimento do jovem enquanto um ator social basal no processo de desenvolvimento do rural contemporâneo, o mesmo não se pode dizer quanto a modificações na literatura a respeito da ênfase juventude rural. Diante desse cenário, faz-se necessário repensar a inserção dos jovens agentes nas problemáticas que envolvem a dinâmica do desenvolvimento rural e quais os espaços reservados a eles na produção acadêmica brasileira.

5. Sintetizando o conceito juventude

Pais (1990) entende a corrente geracional como um conjunto social cuja principal característica é a de ser composta por indivíduos que integrariam uma mesma fase da vida, prevalecendo à busca dos aspectos de coesão que marcariam essa fase da vida— aspectos que iriam compor uma cultura juvenil específica, portanto, de uma geração definida em cortes etários. Noutra tendência, a juventude na corrente classista é vista pelo autor como um conjunto social heterogêneo, composta por diversas culturas juvenis em função das diferentes composições de classe, parcelas de poder, interesses, oportunidades ocupacionais, etc.

Divergindo da concepção de Pais e com base em Mannheim (1982) e Bourdieu (1983) diria que a corrente geracional é pautada em um ritmo biológico, mas com a ressalva de que as gerações não podem ser definidas, exclusivamente, por uma definição etária. Mannheim (op. cit), em sua riqueza de detalhes compreende que as trocas, os contextos e as experiências são fundamentais em uma análise de gerações. Assim, Mannheim (1982), entende que o fenômeno das gerações trata-se de grupos etários incrustados no mesmo processo histórico social, contudo o universo da cultura é constituído por indivíduos que entram em contato com a herança cultura de formas muito distintas. Por isso, não há homogeneidade que consiga compor uma cultura juvenil específica. Pode-se dizer então que a corrente geracional compreende a multiplicidade existente no conceito de juventude e dá dinamicidade às discussões. Na outra corrente, as concepções de classe se sobrepõem ao contexto histórico-cultural e a heterogeneidade do conceito se dá basicamente pela diferença cultural entre as classes. Não contemplando assim a possibilidade de trocas de experiências entre esses universos. Cabe a ressalva de que, como já mencionado, Bourdieu (op.cit) analisa duas juventudes bem específicas, a burguesa e a operária. E naquele contexto, com expresso

pelo próprio autor, seria um abuso supor que dois universos tão opostos pudessem se relacionar. Porém, essa é uma característica que torna o estudo de Bourdieu (1983) datado.

Marialice Foracchi (1972), apoiada nas pesquisas de Mannheim (1982), segue em seus estudos uma vertente próxima ao autor, considerando que a noção sociológica de geração possui como fundamento principal a localização social de grupos de idade inseridos no processo histórico de diferentes maneiras. Essa localização social diferenciada, por sua vez, possibilita que os grupos de idade experimentem os processos sociais de acordo com suas vivências, interpretando de maneira distinta processos sociais que podem parecer próximos. Essa experiência é transmitida entre as gerações e garante a transmissão do legado cultural de cada sociedade. O interessante nessa análise é a proximidade conceitual de Foracchi (1972) e Dubet (1994). Ainda que Foracchi não tenha dialogado em razão do tempo. Essa promoveu seus estudos na década de 1960 e Dubet, um contemporâneo sociólogo francês que vem inaugurando um debate significativo na sociologia da experiência. O trânsito conceitual no inventário da categoria juventude reflete sua extensão analítica.

Ainda sobre a sociologia brasileira é válido lembrar que Ianni (1962) se faz extremamente atual ao considerar em seus estudos de classe os contextos históricos e sociais que contemplam a polissemia do universo juvenil. No entanto, chama atenção o fato de que o autor, apesar de ser um pioneiro nos estudos de juventude no Brasil, não aparece nos textos escolhidos para este trabalho, não obstante inúmeras vezes aparecerem nas discussões a necessidade de uma análise que abarque os dilemas juvenis em sua totalidade, imprimindo assim a relevância de compreender a dimensão das classes sociais dentro de um panorama histórico – social. Como é o caso de Castro (2008), Abramo (1997); Dayrell (2007); Peralva (1997), Sposito (2010) e Novaes (2005) que em diagnósticos mais contemporâneos, apesar de atentos as disparidades de classes, entendem a juventude como uma fase da vida, amparada em uma percepção biológica de faixas etárias, mas acima de tudo, consideram de fundamental importância, a compreensão dos contextos. O que, em última análise, é uma compreensão mannheiniiana da qual Ianni (1962) também se apropria.

É nesse cenário que a juventude ganha relevância em si, e deixa de ser entendida apenas como um momento de transição para a vida adulta, na medida em que existe a percepção de que esta categoria, enquanto sujeitos sociais carregam consigo os rumos da sociedade. Uma vez que são esses sujeitos que de acordo com seus tempos históricos e as conjunturas sociais e políticas de cada sociedade rejeitam, (re) significam ou dão continuidade a ordem social estabelecida pelas gerações anteriores.

Nos textos da SBS, entre os que se utilizaram das discussões conceituais, a influência dos autores contemporâneos é notavelmente maior que a referência clássica. Mas por outro lado é possível identificar que as discussões seguem para a análise dos contextos e conjunturas sociais. Que implicitamente, se aproximam mais de Mannheim (op. cit.) que das concepções de Bourdieu (op. cit.), Foracchi (op. cit.) e Ianni (op. cit.) se constituem, basicamente, como clássicos esquecidos. Ianni (1962) como Bourdieu (1983) se orienta pela perspectiva de classes, mas concomitantemente, se afasta do mesmo pela forma com que desenvolve seu trabalho e se aproxima de Mannheim (1982). Foracchi (1972), por sua vez, possui uma vertente de análise ainda mais próxima ao pensamento de Mannheim (1982) e desse prisma compreensivo, esses autores são, de certo modo, “injustiçados” em estudos posteriores em que o conceito de juventude é tratada a luz de “novas teorias”, que já no início do século XX foi, sofisticadamente, contemplada na obra de Mannheim e, no Brasil, trabalhada por Foracchi e Ianni, nas décadas de 1960 e 1970, sob forte influência manneiniana.

Nesse quadro de avaliações, a definição do conceito de juventude, pelos autores da SBS é caracterizada pela ênfase na heterogeneidade. Compreende-se que esta não é uma categoria rígida, estática e com atributos definidos eles mudam de sociedade para sociedade e mesmo dentro da própria sociedade. A juventude aparece ainda como uma invenção da modernidade marcada por transformações – biológicas e psicológicas – associada à construção de faixas etárias, porém, não definida por elas.

Destaca-se também que esta é uma categoria em constante transformação social que se molda às conjunturas sociais, ora modificadas por demandas culturais, ora por demandas socioeconômicas e por vezes conforme as configurações políticas. Desse modo, tratamos de sujeitos concretos em processos de socialização concretos.

Ainda em pauta com o processo de socialização, uma vertente dos trabalhos entende a juventude como fase de experimentação e nesse sentido, a transgressão, as rupturas, a vulnerabilidade, o imediatismo, e as crises, seriam, portanto, constituintes do momento de “ser jovem” e que tende a ser superado pela entrada no mundo adulto. Há ainda, àqueles que defendem a existência de comportamentos próprios à juventude, embora compreendam também que os significados das representações possam ser profundamente diferentes entre si. O que se afasta da concepção de Mannheim, porém, é válido enfatizar que autores como Sallas (2013), Oliveira (2013) e Dayrell (2013) se afastam e se aproximam concomitantemente já

que também avaliam o processo histórico-cultural em que a juventude adentra a estrutura social.

Em relação ao supracitado, outra vertente, todavia, está centrada na impossibilidade de identificar uma essência juvenil ou um modo de ser jovem e busca desconstruir os rótulos, orientando a análise para a pluralidade das representações juvenis. Pluralidade essa que passa pela diversidade de experiência que os grupos de jovens vivenciam ao longo desse ciclo e pela complexidade das relações.

Feitos estes apontamentos, merecem destaque algumas concepções:

- **Condição juvenil:** considera o modo como a sociedade atribui significados a sua juventude;
- **Situação juvenil:** Considera as particularidades das múltiplas juventudes;
- **Fases da vida:** existe a compreensão de que a juventude é uma fase da vida ligada a transformações biológicas e psicológicas, mas que, no entanto, mostra-se bastante diversificada devido à interpretação que cada sociedade atribui à juventude em estruturas históricas, culturais e sociais.
- **Transição:** Aparece em duas vertentes. Na primeira, como momento de transição para a vida adulta e a necessidade de preparação para as atribuições desses papéis e na segunda como tentativa de desconstrução dos rótulos atribuídos a esse momento.
- **As faixas etárias:** apesar do consenso de que a juventude não pode ser definida por idades, elas parecem intimamente relacionadas à juventude.

Considerando a análise dessas categorias analíticas que permeiam o conceito de juventude é possível ponderar que os textos não apresentam, em relação aos autores apresentados, grande evolução nas discussões. O que aparece de mais relevante nessas discussões são os conceitos de condição e situação juvenil explicados por Weisheimer (2013) e Narciso (2013), porém essa discussão também é encontrada em Novaes (2005).

Outro ponto a ser destacado é que a discussão do conceito em grande parte dos trabalhos é colocada em segundo plano. E isso explica o fato de os textos mais citados estarem, em maioria, relacionado a políticas públicas e educação. O debate acerca da juventude se apresenta na SBS ainda muito tematizado. Desse modo, o conceito de juventude não é o principal foco a ser desenvolvido, mas as políticas públicas, a participação juvenil ou não, a vulnerabilidade social, a violência, as drogas, etc. Com esse parecer, as discussões

acabam se repetindo, pressupondo assim que novas perspectivas não são consideradas como as vias diferenciadas de participação política dos coletivos juvenis⁸ e das esferas culturais, as novas tecnologias de informação (TICs), a rigidez das faixas etárias estabelecidas pelos órgãos governamentais que não consideram a flexibilidade da categoria, principalmente, devido às novas configurações estudantis e a própria juventude rural.

No entanto, para essa versão conclusiva do trabalho é importante ressaltar que a redescoberta da juventude pelos pesquisadores, sobretudo no âmbito acadêmico é de extrema importância para a compreensão e adaptação do conceito às novas conjunturas sociais, políticas e culturais, porém fica a ressalva de verificar como o conceito tem caminhado ao longo do tempo, quais transformações se impõem à avaliação e como elas têm sido contempladas em nossas análises.

5.1 Qual/ quais juventude(s)?

Ao pensar o conceito de juventude, esta é uma questão que devemos ter em mente: A que juventude nos referimos? É fácil perceber nas concepções apresentadas desde Mannheim (1982) e Bourdieu (1983) aos trabalhos da SBS que o conceito de juventude é compreendido de forma plural. Basicamente todos os autores defendem que a juventude não pode ser fixada a formas rígidas de entendimento e análise, tendo em vista que esta não se constitui como uma categoria homogênea e que várias juventudes coexistem em uma mesma sociedade em um mesmo tempo histórico. Apesar disso, ainda que compartilhem modos similares de adesão à estrutura social, a juventude experimenta maneiras distintas de vivenciar esse período, inúmeras vezes influenciadas por questões estruturais, como condição socioeconômica, local de moradia, relações de trabalho/ estudo, entre outros aspectos que contribuem para que juventudes que coabitam o mesmo espaço de tempo tenham significações tão distintas.

Partindo dessa compreensão, uma pergunta se impõe: De que juventude os autores discutidos estão falando? Mannheim (op. cit.), apesar do refinamento teórico com que descreve o conceito de geração, contempla um conflito pacífico onde uma geração mais velha através da herança cultural acumulada passa um legado à juventude mais nova, que quase cordialmente assume um novo papel na estrutural social. Quando há contestações, temos aí um conflito de valores. Desse modo, hoje ao buscarmos a teoria clássica em diálogos atuais,

⁸ Entende-se por coletivos juvenis a interação dos jovens em redes de "sociabilidades" que buscam formas mais autônomas de participação. Um objetivo que merece destaque nos coletivos é a aparente necessidade de questionar as relações sociais institucionalmente constituídas e demonstrar independência em relação às organizações formais da sociedade (Borelli e Rocha, 2008).

cabe ao pesquisador compreender que algumas limitações surgem frente às novas configurações em que a juventude se apresenta, até porque segundo Dubet (1994) o processo de socialização não se orienta mais de forma clássica, com a internalização de valores pelas institucionalidades, mas sobretudo, pela experiência.

Mannheim (1982), no texto apresentado, que trata especificamente das gerações, evidencia a transição e o papel do jovem enquanto instrumento de renovação e continuidade. Mas se fizermos o exercício de pensar a juventude hoje, quem é o jovem a que representa renovação e continuidade da ordem social?

Bourdieu (1983) que, naquele momento, avalia juventudes tão diferentes pondera que é preciso conhecer as leis de cada campo para que se compreendam distintamente cada juventude. No entanto, a forma com que o autor discorre sobre o assunto coloca em evidência apenas as questões de classe, que naquele contexto se faziam proeminentes. O que torna o autor um pouco limitado, sob esse ponto de vista, para análises contemporâneas já que nos contextos atuais, além das divergências de classe, as condições de trabalho e estudo, as questões de gênero e as relações raciais se tornaram tão imprescindíveis quanto as desigualdades econômicas.

Ainda falando de clássicos da juventude Foracchi (1965/1972) trabalha uma categoria importante nas discussões sobre o tema: O jovem a como agente de transformação. No entanto é de extrema importância compreender que a autora se refere a uma juventude muito específica – a universitária – que naquele contexto estudado, eram basicamente jovens urbanos de classe média.

Sob esse enfoque, percebe-se que por mais que esses autores trabalhem com a pluralidade da categoria essas compreensões são, algumas vezes, limitadas às nossas interpretações mais recentes tendo em vista que a juventude hoje se apresenta ainda mais plural que a juventude descrita por Mannheim, Bourdieu, Ianni e Foracchi.

Se aprofundarmos nas discussões, uma conclusão plausível é a de que o agente transformador de Foracchi (1972) sendo, naquele contexto, o jovem universitário, não contempla, por exemplo, o jovem negro, o jovem rural, o jovem pobre, o jovem trabalhador, o jovem em conflito com a lei- sobretudo aquele que se encontra fora do universo escolar. Nesse sentido, a necessidade de que novas gerações apareçam para assegurar a criação cultural e transmissão da cultura acontece dentro do universo cultural específico e que, no limite, preserva a cultura e continuidade das classes mais elevadas na estrutura social. Tal interpretação poderia pressupor uma proximidade da autora com as concepções classistas de

Bourdieu (1983), contudo e apesar de reconhecer a importância da investigação analítica do autor, é importante frisar que além das percepções de classe, a intenção, sobretudo da autora, é privilegiar o mosaico interativo em que a juventude está inserida, e sob esse aspecto, as trocas e experiências incrustadas em um contexto histórico e social são de fundamental relevância para a análise. Também é importante considerar que os jovens universitários eram, naquele momento, o grupo que assumia o protagonismo da transformação. Por isso o enfoque da autora.

No entanto, a pergunta que paira sobre essa discussão é: será que o jovem negro, pobre, periférico, trabalhador, rural, dentre outras características, aparece frente aos grandes eventos os quais a juventude é recorrentemente associada com potencial transformador? Seria possível compreender em nossas análises uma perspectiva de futuro ou estariam estes fadados ao fracasso ou a morte prematura? Estes jovens, em realidades distintas, carregam tantos estigmas⁹ que além de torná-los praticamente inexistentes nas discussões, não apontam nenhuma alternativa para que esses sujeitos possam romper com a condição de exclusão que lhes são impostas. Frente a esse panorama, da “transformação espetacular” fica a necessidade de compreender o potencial transformador da juventude no cotidiano e, uma saída, seria então abranger, como agentes de transformação, os grupos juvenis que se organizam fora das esferas tradicionais de participação política, mas que não deixam de compor a esfera pública, como por exemplo, os coletivos juvenis.

Seguindo para a discussão de autores mais contemporâneos, a juventude pode ser resumidamente definida pela expressão de Novaes e Vital (2005): “*os jovens são o retrovisor da sociedade, entendê-los é como compreender o mundo*”. Cabe assim, mais uma vez perguntar que jovem é esse que aparece como reflexo da sociedade. Considerando, principalmente, o alerta da própria autora de que a condição juvenil é vivenciada de maneiras distintas conforme as condições de gênero, trabalho, etnias, local de moradia, situação econômica, etc. e todas essas condições variam de acordo com a forma que cada sociedade decodifica sua juventude.

Dayrell (2007) alerta para o enfoque negativo das visões sobre juventude como um momento transitório, de irresponsabilidade e desinteresse, mas que paradoxalmente é associado à transformação e futuro. Mas diante de um contexto em que se espera que os problemas da juventude sejam superados pela entrada no mundo adulto, seriam as juventudes, proveniente dos setores sociais tradicionalmente excluídos da arena democrática as mesmas

⁹ Ver Goffman 1963; 1983

juventudes associadas à rebeldia¹⁰ e futuro? E quando falamos da construção de um ator político, nos referimos ao sujeito condenado socialmente ou aquele que é alvo das políticas públicas homogeneizantes?

O sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz, em recente versão do *Mapa da Violência: Os Jovens do Brasil, 2014* assinala que hoje, no Brasil, a principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos são homicídios e entre as maiores vítimas estão jovens negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos. Dados do Datasus, citados no Mapa da Violência - 2014, revelam ainda, que mais da metade dos 56.337 mortos por homicídios, em 2012, no Brasil, eram jovens (30.072, equivalente a 53,37%), dos quais 77,0% negros (pretos e pardos) e 93,30% do sexo masculino.

Esses índices corroboram para avaliação de Souza e Oliveira (2013) que consideram o constate crescimento da violência entre jovens, o resultado de políticas públicas equivocadas e que indagam que perspectiva teriam esses jovens que residem em lugares em que as políticas públicas não chegam e quando chegam são desconexas da realidade. Indagam ainda a suposta heterogeneidade dos estudos de juventude, uma vez que a literatura aponta para a diversidade de contextos, mas em maioria trata de um perfil de jovem muito parecido.

Esses números, talvez sejam ainda resultado da necessidade de homogeneização que tem uma política pública para que ela consiga abarcar um contingente maior de jovens, contudo, é nítida a ineficácia dessa visão.

Ferreira e Gomes (2013) consideram a partir de Peralva (2007) que a juventude ganhou relevância, pelo que ela é, ou seja, na atualidade, ela tem sentido em si mesma. Porém, é importante considerar que em cenários de incerteza quanto ao futuro de uma parcela da juventude que não aparece fora das páginas do Mapa da Violência muito ainda há de se evoluir tanto nas academias como nas políticas destinadas à juventude para que de fato as políticas públicas possam contemplar a diversidade de jovens, em seus diferentes contextos, ainda em situação de vulnerabilidade social.

6. Considerações finais

A análise dos trabalhos da SBS sobre juventude, não conservaram a tradição teórica e conceitual dos estudos sociológicos de outrora. A performance empírica ganha cada vez mais

¹⁰ É importante destacar que rebeldia, nesse contexto, é entendida com a perspectiva das considerações de Ferreira e Albuquerque (2013) que consideram as atitudes de fumar, beber, usar drogas ou ficar na rua até tarde ou ter a iniciação sexual como tentativas de demonstrar maturidade e independência e que, provavelmente, serão superadas com a entrada na vida adulta.

destaque, nos trabalhos contemporâneos, o que não é uma prerrogativa exclusiva do tema juventude. As ciências sociais, de modo geral, têm se orientado para essa perspectiva metodológica, segundo a análise de Reis (1997). Segundo a referida autora as Ciências Sociais no Brasil têm carecido de uma orientação analiticamente exigente. Nesse sentido, os estudos sobre juventude no GT de sociologia da juventude, na SBS, nos períodos estudados se concentraram mais sobre os sistemas e instituições que permeiam a vida de jovens, não necessariamente uma discussão conceitual e teórica. Reis (1997) chamou atenção para um certo empobrecimento ou banalização das Ciências Sociais, nos últimos anos, que se orientam com predomínio para uma postura descritiva ou “idiográfica”, de cunho jornalístico, historiográfico. Os trabalhos analisados não parecem concentrar esforços numa dinâmica que explorasse a polissemia da categoria analítica da juventude. Os trabalhos se concentram mais sobre as institucionalidades que rodeiam os jovens.

Por outro lado, a categoria também reserva certa multiplicidade de estudos que dão conta da natureza social de suas dinâmicas na vida contemporânea, conforme destaca Sposito (1997). A versão negativa do jovem, enquanto um problema social ainda se revela como uma perspectiva destacável, conforme sinaliza Dayrell (2007), ainda que paradoxalmente, o jovem seja associado a idéia de mudança social.

O inventário conceitual mais extenso da contemporaneidade alia a categoria juventude a uma fase transitória, logo geracional. Autores como Dayrell (2007; 2013), Peralva (1997), Novaes e Vital (2005) coadunam com essa perspectiva, ainda que os mesmos não explorem muito a origem da herança mannheiminiana, pelo menos no plano da discussão teórica.

Os autores focam no deslance de aprisionar a categoria em padrões fixos de definição e nesse sentido, Castro (2008), Abramo (1997), Novaes e Vital (2005) e Dayrell (2007) inauguram uma concepção mais duradoura da categoria, concebendo o jovem enquanto ator social, que se posiciona no mundo, que adquire autonomia frente às “potencialidades” geracionais.

Nesse debate sobre transitoriedade aludida por Mannheim (op. cit.) ganha uma versão controversa nos autores contemporâneos. Castro (2008), por exemplo, sinaliza para o risco dessa concepção aludida aos jovens. A autora acredita que a transitoriedade nas percepções da ideia de ser jovem insinua um indivíduo, ainda em formação, logo deslegitimado em sua capacidade juvenil, sobretudo, nos espaços de decisão. A autora dessa forma reforça a concepção de jovem enquanto um ator social. Ela assume então a proximidade da leitura de

Ianni (1962) com a concepção de jovem radical, onde a questão central é saber como se desenvolve essa consciência social que transforma o jovem em político ativo.

Dayrell (2008) vai fugir dessa armadilha interpretativa se apropriando da concepção de jovem, enquanto sujeito social, seguindo o rastro de Charlot (2000). Nessa concepção o jovem é dotado de historicidade assumido como uma leitura própria do mundo, dotada de singularidade. A sociologia da experiência de Dubet (1994) aqui assume essa disposição conceitual dotada de singularidade permeada pelo processo de socialização juvenil a partir das experiências e não mais pela internalização de normas e valores culturais administrados de uma geração a outra. Curiosidade à parte é que o Dubet (op. cit.) apesar de ser uma referência contemporânea para estudos de juventude, não foi encontrado sua referência nos trabalhos analisados.

Nesse debate o que se observa é que as mudanças sociais na contemporaneidade alude-se a uma nova arquitetura social desse grupo: seja ele concreto ou não. O inventário mais próximo de Mannheim (1982) é que existe uma necessidade premente de configurar-se como novos portadores de uma cultura para revitalização da dinâmica social. Por outro lado, Bourdieu (1983) acende a chama da perspectiva classista na versão interpretativa que valida a historicidade e a condição juvenil em seus diferentes contextos sociais, onde eles assumem ora uma postura de conservação de padrões culturais de gerações anteriores; ora se descredenciam de suas heranças culturais geracionais, promovendo novas perspectivas em suas bases sociais. De qualquer forma, o empreendimento conceitual da categoria juventude tem se arrefecido frente às necessidades mais urgentes de discutir a juventude para uma resolução de suas problemáticas.

Frente a esse panorama, fica o desafio de orientarmos a ação para que as discussões acerca da juventude possam sair de um plano teórico-conceitual e, de fato, alcançar essa gama de jovens ainda às margens da centralidade do discurso. Esse desafio passa então, pela compreensão do ritmo acelerado das mudanças sociais em meio o a qual a juventude esta imersa. Se nos anos de 1920 ela aparece como desvio e transgressão, nos anos 1960 o viés se modifica e após décadas de desvalorização a juventude passa a ser percebida como uma classe ativa, dotada de potencial transformador, cujos rumos da sociedade estão intrinsecamente ligados a ela, fazendo dessa juventude o parâmetro para todas as gerações seguintes. Já nos anos 1980 devido a crise econômica, as mudanças no mundo do trabalho e a prorrogação do período escolar, fizeram com que essa geração se tornassem “uma geração perdida”.

Nos anos 1990, com a dinâmica social cada vez mais rápida, a juventude passa por novas significações e se torna alvo de políticas públicas que a fim de minimizar os indicadores estatísticos que apontam para a vitimização e vulnerabilidade deste grupo específico cujo panorama que se delongava desde a década 1980. Nessa perspectiva, no final dos os anos 1990, inícios dos anos 2000 as discussões retomam a visão apocalíptica da juventude, especialmente, em relação ao cenário político, em que a juventude aparece como apática e pouco engajada. Nesse período, com já explicitado, é importante ressaltar que, autores como Abramo (1997) e Novais e Vital (2005) procuram se desvencilhar da interpretação corrente acerca da juventude, identificando que desde a geração de 1960, espera-se uma juventude ardorosa frente às vias de participação política, no entanto, mudaram-se os tempos, a sociedade e conseqüentemente a juventude, nesse sentido o desencantamento com a democracia não se restringe, especificamente, à juventude, mas às sociedades latino-americanas em geral e em meio a esse processo, outras formas de participação surgem nos contextos juvenis, muitas vezes, fora das esferas formais de participação política.

Nota-se assim que, em meio a inúmeras transformações na estrutura da sociedade a juventude modificou-se com ela, hoje, certamente, o panorama juvenil também já não é mais o mesmo. A escolaridade prolongada, as relações com o mercado de trabalho e a supervalorização da cultura juvenil, delineia profundas mudanças nesse cenário.

No entanto, percebe-se que ainda paira sobre os jovens a visão negativa apontada no início dos estudos de juventude atrelando a juventude às mazelas sociais, o que tem orientado desde os anos 1990 a investidura de políticas públicas para este etário. Mas, sobretudo, hoje, chama atenção a investidura midiática relacionando juventude e consumo. Dessa maneira, a juventude tem sido alvo de inúmeras campanhas publicitárias que ideologizam o “mito da eterna juventude” e associam a essa fase da vida a perfeição, isto é, beleza, vitalidade, disposição, liberdade, saúde, boa forma, entre outros fatores que fizeram da juventude um produto de mercado.

Esses dois vieses são bastante demonstrativos a respeito de como a interpretação desse universo etário tem caminhado. Se na década de 1960 o jovem com potencial transformador de Foracchi (1965/ 1972) se resumia ao jovem de classe média, hoje, ainda que por outro prisma, o mercado insinua que, 50 anos depois, o jovem em destaque, na grande mídia, continua sendo o jovem da classe média. Essa compreensão, do ponto de vista sociológico, chama atenção para o fato de que após décadas de discussão as análises indicam

que o jovem dotado de potencial transformador, nos grandes eventos envolvendo a juventude, ainda se restringe aos jovens de classe média, enquanto uma enorme gama de jovens pertencentes às classes mais baixas da estrutura social ganha notoriedade apenas por serem associados aos problemas sociais, sendo assim alvo de políticas públicas que na maioria das vezes não conseguem suprir suas necessidades mais urgentes. Mas uma vez, chama atenção a necessidade de compreender as inúmeras formas de participação juvenil que tem adentrado e esfera pública, mas que não são pautados na “transformação espetacular” e que não necessariamente contemplem as formas tradicionais de participação política.

Nessa conjuntura, surgem inúmeras perguntas e poucas respostas, no entanto, vale ressaltar que as discussões não se encerram aqui, contudo podem contribuir às reflexões teóricas sobre a maneira com que as discussões conceituais têm adentrado o debate a cerca da juventude e, sobretudo, pontuar suas fragilidades e potencialidades.

7. Referências

- ABRAMO, H. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, Nº 5, Mai/Jun/Jul/Ago 1997 Disponível em: <http://anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_05_HELENA_WENDEL_ABRA MO.pdf> Acesso em: 23 abr. 2015
- ALENCAR, A. L. H; OLIVEIRA, C.G; MELO, P. B; GUIMARÃES, S.M.P. **Juventudes, consumo cultural e políticas públicas**. XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_tra b-aceito-2655-1.pdf> Acesso em 15 de mar. 2015
- AUGUSTO, Maria Helena Oliva. **Retomada de um legado: Marialice Foracchi e a sociologia da juventude**. Tempo soc., São Paulo, v. 17, n. 2, Nov. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01030702005000200002&lng =en&nrm=iso>. Acesso em: 05 Mar, 2015.
- BARCELLOS, S. B. **A constituição das políticas públicas para a juventude rural: relações de interdependência entre sociedade civil e estado**. XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em: <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_t rab-aceito-0611-1.pdf> Acesso em 15 de mar. 2015
- BENEVENUTO, M. **Juventudes nos contextos da agricultura familiar e da agroecologia**. XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em: <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_t rab-aceito-2236-1.pdf> Acesso em 16 de mar. 2015

BOURDIEU, P. A Juventude é apenas uma palavra. In.: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983

BRASIL. **Os jovens do Brasil**. Mapa da violência, 2014. Secretária geral da Presidência da República. Brasília, 2014. Disponível em <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf> Acesso em: 10 de mai. 2015.

CARADE, H.O.S. **Jovens protagonistas e empreendedores: sobre como a juventude tem sido tematizada pelas políticas públicas**. XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_rab-aceito-3358-1.pdf> Acesso em 15 de mar. 2015

CASTRO, Elisa Guaraná de Castro et al. **Os jovens estão indo embora?** : Juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009.

_____ **Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político**. *Rev. latinoam. cienc. soc. niñez juv* 7(1): 179-208, 2009. Disponível em: <<http://www.umanizales.edu.co/revistacinde/index.html>> Acesso em: 02 de Fev. 2015

CORADINI, L; PANDOLFO, G. **Os jovens agricultores familiares e a reprodução geracional na agricultura familiar: estudo de caso dos jovens residentes no município de Faxinal do Soturno/RS**. XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_rab-aceito-2358-1.pdf> Acesso em 16 de mar. 2015

DAYRELL, J. **A música entra em cena: O rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_____ **A Escola "Faz" as Juventudes? Reflexões em Torno da Socialização Juvenil**. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, out. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>> Acesso em 20 de mar. 2015

_____ **O ensino médio no Brasil e seus desafios: o que dizem os jovens sobre os processos de exclusão escolar**. XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em: <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_tra-b-aceito-3279-1.pdf> Acesso em 16 de mar. 2015

MURILHO, E. **O cotidiano dos Jovens em Juiz de Fora, seus enfrentamentos, expectativas e visões de sua própria juventude**. *Projeto de Pesquisa*. FAPEMIG, 2013.

DUBET, F. **Sociologia da Experiência**. Lisboa, Inst. Piaget, 1994.

FERREIRA, M; ESTRELA, R. **O ProJovem Adolescente e a experiência de ser jovem em Feira de Santana**. XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_rab-aceito-0441-1.pdf> Acesso em: 15 de mar. 2015

FERREIRA, R; ALBUQUERQUE, M.F; CALADO, J. **O risco de ser jovem na contemporaneidade: aspectos sociais e culturais que definem condições de alta vulnerabilidade entre parcelas da juventude alagoana.** . XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em: <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_t_rab-aceito-2604-1.pdf> Acesso em: 17 de mar. 2015

FORACCHI, M. M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira.** São Paulo, Companhia Editora Nacional. 1965.

_____. **A juventude na sociedade moderna.** São Paulo, Livraria Pioneira. 1972.

GADEIA, C. A; BRUSIUS, A. **Juventude e Violência: Uma abordagem sobre a busca de dignidade e diferenciação.** XV Congresso Brasileiro de Sociologia 26 a 29 de Julho de 2011, Curitiba (PR). Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=179&Itemid=171> Acesso em 16 de mar. 2015

GRACIOLI, M.M; Vannuchi; M.L. **Experiências e projetos de futuro de jovens participantes do programa licenciaturas internacionais.** XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em: <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_t_rab-aceito-2557-1.pdf> Acesso em 16 de mar. 2015

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.

LOLIS, D. **Os modos de viver e de pensar de grupos jovens residentes em áreas de segregação socioespacial na cidade.** XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em: <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_t_rab-aceito-3787-1.pdf> Acesso em 17 de mar. 2015

MACHADO, V. B. F. **Inserção profissional em tempos de capitalismo globalizado.** XV Congresso Brasileiro de Sociologia 26 a 29 de Julho de 2011, Curitiba (PR). Disponível em: <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_t_rab-aceito-2557-1.pdf> Acesso em 15 de mar. 2015

MACHADO, A; PERES, P. **Reconhecimento e Justiça Social: A Agenda das Políticas Públicas de Juventude no Brasil.** XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em: <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_tra_b-aceito-0347-1.pdf> Acesso em: 15 de mar. de 2015.

MANNHEIM, Karl. **O problema sociológico das gerações** [tradução: Cláudio Marcondes], In Marialice M. Foracchi (org), Karl Mannheim: Sociologia, São Paulo, Ática, 1982 p. 67-95.

MESQUITA, W; BERTOLI, N. **Jovens evangélicos moradores de favelas: vínculo religioso, redes de sociabilidade e estilo de vida na cidade de Campos dos Goytacazes – RJ.** XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA).

Disponível em:
<http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_trab-aceito-2728-1.pdf> Acesso em 17 de mar. 2015

MIRANDA, E. L.; Loreto, M. D. S.; Picolotto, E. **Construção dos Movimentos Sociais Rurais: um olhar para o Movimento Agroecológico de Araponga – MG.** Disponível em: <www.redesrurais.org.br/6encontro/trabalhos/Trabalho_234.pdf> Acesso em 10 de Abr. 2015

LINHARES, M. I. S. B. **Caminhando na corda bamba: cartografias do emprego/desemprego da juventude sobralense.** XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em: <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_trab-aceito-0763-1.pdf> Acesso em 17 de mar. 2015

NARCISO, R; NEVES, M. **Qualificação: ponte de inserção do jovem no mercado de trabalho?** XV Congresso Brasileiro de Sociologia 26 a 29 de Julho de 2011, Curitiba (PR). Disponível em:
<http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_trab-aceito-2557-1.pdf> Acesso em 15 de mar. 2015

NARCISO, R. **Educação e trabalho: efeitos sobre a reprodução social do jovem.** XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em:<http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_trab-aceito-0550-1.pdf> Acesso em 16 de mar. 2015

NETO, J.P.S. **Garantindo Direitos? Diagnóstico da Socieducação em Santa Catarina.** XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em:<http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_trab-aceito-0504-1.pdf> Acesso em 16 de mar. 2015

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades.** Cadernos de pesquisa em administração, SP, V.1, N ° 3, 2 ° SEM/ 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>> Acesso em 20 abr. 2015.

NOVAES, Regina e Vital, Christina. **A juventude de hoje: (re)invenções da participação social.** In: Associando-se à juventude para construir o futuro / [organizador Andrés A. Thompson... [et. al.], revisão e tradução do espanhol Fernando Legoni]. – São Paulo: Peirópolis, 2005.

OLIVEIRA, S. **Participação, percepção e representação social: aspectos na formação de identidade política de juventude.** XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em: <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_trab-aceito-1298-1.pdf> Acesso em 17 de mar. 2015

OLSON, Marcur. **A lógica da ação coletiva: Os benefícios públicos e uma teoria dos grupos sociais** / Marcur Olson; tradução Fabio Fernandez - São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo, 1999 – (Clássicos; 16)

PAIS, J.M. **A construção sociológica da juventude—alguns contributos.** *Análise Social*, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), 139-165. Disponível em <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>> Acesso em: 04 de fev. 2015

PAULO, M. A. **A realidade limita sonhos? Juventude rural e acesso ao ensino superior no sertão de Pernambuco.** XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em: <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_t rab-aceito-4142-1.pdf> Acesso em 16 de mar. 2015

PAULO, M. A. **Os sentidos do ser jovem e as múltiplas situações juvenis no meio rural em um pequeno município.** XV Congresso Brasileiro de Sociologia 26 a 29 de Julho de 2011, Curitiba (PR). Disponível em: <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_t rab-aceito-2557-1.pdf> Acesso em 15 de mar. 2015

PERALVA, A. **O jovem como modelo cultural.** *Revista Brasileira de Educação*, N.º 5, Mai/Jun/Jul/Ago 1997. Disponível em: <http://anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_04_ANGELINA_PERALVA.pdf> Acesso em 25 de abr. 2015

PINHEIRO, A. S.; SOUZA, D. H. S. **O crack e a violência entre jovens no ceará- os desafios das políticas de segurança pública.** XV Congresso Brasileiro de Sociologia 26 a 29 de Julho de 2011, Curitiba (PR). Disponível em: <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_t rab-aceito-2557-1.pdf> Acesso em 15 de mar. 2015

REIS, Elisa Pereira; REIS, Fábio Wanderley; VELHO, Gilberto. **As ciências sociais nos últimos 20 anos: três perspectivas.** *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 12, n. 35, p., out. 1997.

ROMERA, L. A.; REIS, H. H. B. **Juventude e lazer: torcedores de futebol e consumo de álcool.** XV Congresso Brasileiro de Sociologia 26 a 29 de Julho de 2011, Curitiba (PR). Disponível em: <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_t rab-aceito-2557-1.pdf> Acesso em 15 de mar. 2015

SALLAS, A.L.F. **Culturas Juvenis: um estudo comparativo Brasil e México.** XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em: <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_t rab-aceito-1579-1.pdf> Acesso em 18 de mar. 2015

SALES, C. **Jovens Mulheres e suas experimentações no fazer política.** XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em: <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_t rab-aceito-2498-1.pdf> Acesso em 17 de mar. 2015

SANTOS, D.A; SOUZA, R. S. **Gravidez na adolescência em Pólos de Desenvolvimento.** XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em: <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_rab-aceito-3343-1.pdf> Acesso em 17 de mar. 2015

SILVA, C. **Vivências e sentidos do trabalho juvenil: da ocupação fabril à profissão almejada.** XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em: <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_rab-aceito-2184-1.pdf> Acesso em 16 de mar. 2015

SILVA, F.P. **A sociologia brasileira e os primeiros estudos sobre a juventude e o universo estudantil.** S/L, S/D. Disponível em <www.cchla.ufpb.br/caos/n16/artigo-6-fabiano.doc> Acesso em: 28 de abr. 2015.

SPOSITO, M. P. (1997). **Estudos sobre juventude em educação: anotações preliminares.** *Revista Brasileira de Educação*, Número especial: Juventude e Contemporaneidade, São Paulo: ANPED, 5-6, 37-52.

_____ **Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura.** *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 36, n. spe, abr. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022010000400008&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 02 abr. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022010000400008>.

_____ **Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação.** Trabalho apresentado na XXII Reunião Anual da ANPED, Caxambu, setembro de 1999. Disponível em: <http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE13/RBDE13_06_MARILIA_PON_TES_SPOSITO.pdf> Acesso em: 30 de mar. 2015.

SOUZA, I.J; OLIVEIRA, A.M.A. **Juventude e Políticas Públicas na Amazônia.** XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_rab-aceito-2931-1.pdf> Acesso em 15 de mar. 2015

TAVARES, B. **Sociologia da Juventude: da juventude desviante ao protagonismo jovem da Unesco Soc. e Cult.**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 181-191, jan./jun. 2012. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/20683/12335>> Acesso em: 29 de abr. 2015

TRANCOSO, A; OLIVEIRA, A. **Estudos sobre a juventude: apontamentos a partir da produção acadêmica brasileira.** XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em: <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_rab-aceito-0935-1.pdf> Acesso em 17 de mar. 2015

WEISHEIMER, N. **A situação juvenil na agricultura familiar do recôncavo da Bahia.** XVI Congresso Brasileiro de Sociologia 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em: <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_fab-accito-1659-1.pdf> Acesso em 16 de mar. 2015